

Boletim

Departamento de Psicanálise da Criança



Ficha Técnica:
Editora Responsável
Denise de Sousa Feliciano

Equipe Editorial:
Alessandra Barbieri
Élcio Macarenhas
Elsa Vera Kunze Post Susemihl
Fernanda Mara Colucci Fonoff

Planejamento:
Setor de Comunicação &
Publicações do Departamento
de Psicanálise da Criança do
Instituto SEDES Sapientiae

Tiragem:
350 Exemplos

Distribuição:
Interna

Projeto Gráfico & Design:
Matt Comunicação & Design

Desenho de Capa:
Pedro (5 anos)



Departamento

Coordenação Geral	05
Comunicação & Publicações	06
Curso	07
Clínica & Pesquisa - Grupo Laço	08
Clínica & Pesquisa - Grupo Acesso	09
Eventos	10
Extensão	11

Diálogos

Conversando sobre Antonino Ferro	12
Elsa Vera Kunze Post Susemihl & Ester Hadassa Sandler	

Ensaio

Temporalidade da Infância	22
Marcelo Coelho	

Perfil

Perfil	26
Lia Fernandes	

Vale a Pena Conferir

Cultural	34
Diversos	

Em Foco

Aconteceu	38
Anote	41

Canal Aberto

Quando uma criança nos devolve a honra	42
Lia Fernandes	

EDITORIAL

DENISE DE SOUSA FELICIANO

Concluir uma edição do BOLETIM é sempre uma satisfação acompanhada de surpresa, pois é o momento em que reunimos e registramos todas as atividades, produções e percursos realizados em nível institucional - pelo Departamento -, e também individualmente por seus membros. Enquanto estamos envolvidos com a realização dessas atividades nem sempre temos consciência de sua dimensão e da importância para nosso contínuo processo de reflexão intra e interdepartamental.

Como editores somos convidados a percorrer "nossos corredores" para reunir as notícias, além de nos mantermos atentos aos temas de interesse de nosso grupo, que muitas vezes só se evidenciam a partir deste olhar que busca traduzir o que por vezes ainda está latente. Não deixa de ser uma atividade semelhante àquela dos nossos consultórios e na maioria das vezes torna-se uma espécie de jogo lúdico, como a que compartilhamos com nossos pequenos pacientes.

Foi com essa escuta que percebemos um interesse emergente sobre o autor italiano Antonino Ferro, que nas últimas décadas trouxe contribuições importantes à Psicanálise da Criança. DIÁLOGOS apresenta uma conversa entre ESTER HADASSA SANDLER e ELSA VERA KUNZE POST SUSEMIHL, analistas que têm se

detido à leitura atenta às idéias desse autor.

Para nos contar sobre seu percurso em PERFIL convidamos LIA FERNANDES que já adquire a "cara" do nosso Departamento se engajando em projetos interessantes -, representando os nossos novos Membros Associados.

E ainda colhendo os frutos de nosso aniversário de 10 anos, ENSAIO traz o instigante e bem-humorado artigo de MARCELO COELHO, que abriu nossa festa comemorativa em outubro passado.

Além disso, todas as notícias do que acontece, aconteceu e ainda está por vir entre nós.

Nós da equipe editorial, esperamos que os nossos leitores possam ter a mesma satisfação e prazer na leitura do BOLETIM, que nós tivemos ao nos dedicarmos em produzi-lo.

Dentre os inúmeros acontecimentos e realizações do DPC, aproveito esse espaço para dar realce e esclarecimentos a alguns deles.

Animados pela constatação de um efetivo enriquecimento de nossas produções decorrentes da ampliação do quadro de membros associados, estamos em processo de recepção de novos candidatos a membros do Departamento. Em breve serão divulgados os nomes dos novos colegas que somarão as nossas significativas e gratificantes conquistas no campo da psicanálise com crianças.

COORDENAÇÃO GERAL

MÁRCIA REGINA PORTO FERREIRA

A mídia e o cotidiano tem nos convocado a afinar nossa perspectiva de contribuir com reflexões e ações através das ferramentas que a Psicanálise fornece. Um momento muito particular foi reservado para o dia 14 de junho, quando nos reunimos para colocar em análise nossa participação no Grupo Articulação, no Rio de Janeiro. Tornou-se urgente discutir nossa posição diante das atuais questões suscitadas pelo movimento criado por inúmeras entidades psicanalíticas de formação em oposição às propostas de regulamentação da profissão de psicanalistas. Os resultados dessa fundamental discussão será objeto do próximo número desse Boletim, quando aqueles que não puderam participar desse encontro poderão acompanhar seus desdobramentos.

Fazendo valer nossa intenção de ouvir e de se fazer ouvir em vários âmbitos pensantes esse departamento estará presente, com diversos trabalhos, no III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, que será realizado em Niterói de 4 a 7 de setembro. Certamente esse também será um importante alimento a ser compartilhado de diversas formas.

O livro *Psicanálise da Criança Perspectivas teóricas e técnicas*, embora não seja uma realização interna do DPC, reflete muito do que o Curso de Psicanálise da Criança ensinou a seus professores-autores.

O sucesso dessa empreitada ficou constatada antes mesmo de seu lançamento, pela quantidade e qualidade das manifestações de apreço recebidas. Essa é uma daquelas produções que fazem um grande efeito tanto no público alvo quanto em seus próprios realizadores.

Muitos outros livros, publicações e projetos estarão sendo divulgados nas demais sessões desse Boletim, ilustrando a intensidade e profundidade com que temos trabalhado. Cientes de que não estamos fazendo justiça a todas as produções de nossos membros, solicitamos que esse Boletim seja mais acionado para se dar maior visibilidade e acesso às nossas conquistas e indagações.

Para encerrar, não poderia deixar de ressaltar que as licenças do trabalho no Departamento, de Denise de Sousa Feliciano, por motivo de finalização de seu doutorado e de Alessandra Barbieri, por motivo de maternidade, têm, a um só tempo, sido motivo de alegria e de desejo por seu breve retorno. A falta dessas antigas e importantes coordenadoras de setores têm sido em muito amenizadas pela eficiente substituição e colaboração na coordenação levadas por Lia Rudge e Elsa Susemihl, respectivamente, a quem muito agradecemos.

Para os veteranos de DPC não temos grandes novidades além desta edição do **BOLETIM** que ora apresentamos, buscando estar atentos às notícias atuais sobre Psicanálise da Criança e abordar temas tanto específicos quanto periféricos, que sejam de interesse para todos psicanalistas.

Para aqueles que estão iniciando um percurso conosco, nosso intuito nesse espaço é apresentar nosso Setor, responsável pela comunicação entre nós, tanto no âmbito institucional apresentando projetos desenvolvidos pelo DPC -, como também no particular informando sobre o que cada um de nossos membros tem produzido no meio psicanalítico para além dos limites do DPC e do Sedes.

Um de nossos objetivos é ampliar as trocas com colegas de outras instituições, eventualmente suscitando novos espaços de produção de conhecimento com vistas a um contínuo aprimoramento da clínica com crianças.

Além dos temas da Psicanálise e da Psicanálise da Criança, procuramos manter também um diálogo com outros saberes, que nos enriquecem nas trocas multidisciplinares, ampliando o prisma de nosso olhar na visão de nossos pequenos pacientes.

Temos atualmente como instrumento dessa comunicação o **BOLETIM** e

ainda buscamos consolidar nosso antigo projeto de uma comunicação eletrônica, mais dinâmica que a impressa.

O **BOLETIM** este ano terá edições semestrais, diferente de outros anos em que circulou trimestralmente. Essa oscilação de periodicidade tem sido fruto do nosso processo de busca de um eixo de funcionamento que esteja afinado com a demanda do nosso DPC.

Ao longo dos últimos cinco anos, desde sua criação, o **BOLETIM** tentou acompanhar o movimento de crescimento do DPC, que se mostrou muito variável em virtude de seu momento de reformulação. Nesse sentido, espelhou e registrou de forma documental esse processo. Aos poucos nos sentimos mais consolidados em alguns aspectos e consequentemente mais estáveis. Assim, esperamos que o **BOLETIM** consiga gradualmente estabilizar-se quanto ao número de edições anuais que seja adequado às nossas necessidades e possibilidades.

Por fim, fica o convite para que todos nos enviem notas e trabalhos para publicação, assim como somos gratos às críticas e sugestões.

Nesse momento estamos recebendo a nova turma de alunos de primeiro ano a quem damos as boas vindas, ensejando que venham a se integrar tanto às atividades do curso, como àquelas do DPC.

Com esse intuito, já em março, essa nova turma participou da convocatória do primeiro semestre para o estágio na Clínica do ISS e quatro novos alunos passaram então a integrar o grupo de estagiários na mesma.

Em abril, os alunos foram apresentados às atividades do DPC, através do contato com membros e coordenadores de Setor, que vieram relatar o funcionamento de seu setor e projetos que vêm desenvolvendo.

Reiniciando atividades neste ano, retomamos também nossos "Encontros Clínicos", realizando em abril de 2008, um encontro, no qual Beatriz Gutierrez nos apresentou um caso, dando-nos a ver seu modo de operar e produzir atos clínicos.

Essa proposta de interlocução com outros analistas, além de ser um espaço de reflexão sobre o exercício de nossa atividade clínica com crianças, tem sua importância como um dispositivo que permite o encontro do conjunto de alunos do curso.

Em função de uma intervenção realizada em uma maternidade neonatal de um Hospital da rede pública Estadual de São Paulo, o Grupo Laço se viu envolvido em reflexões, questionamentos e constatações sobre as possibilidades de atuação na Clínica da Intervenção Precoce com bebês.

O material resultante possibilitou a constituição de trabalhos que foram apresentados no VII Encontro Nacional sobre o Bebê, organizado pela Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê ABEBE na cidade do Rio de Janeiro de 1-4 de maio de 2008, modalidade Comunicação Oral, apresentado por José Francisco Motta, pediatra, psicanalista e membro do DPC e do Grupo Laço. Também foi realizada uma palestra no curso de Psicologia da Universidade São Francisco, aos alunos que cursam Psicologia Hospitalar, proferida por Luciana Almeida Lima, psicóloga, psicanalista, co-coordenadora do Grupo Laço. Ambas apresentações versaram sobre o tema: "o que nos contam os nomes dos bebês".

Dos trabalhos realizados por integrantes da equipe, encontram-se no prelo duas publicações no formato de capítulos de livros que serão lançados pelas editoras: Casa do Psicólogo (Luciana A. Lima e Mara Lucia Evangelista) e Vetor (Luciana A. Lima) em breve.

O Grupo Acesso fez uma edição revisada da Cartilha "Adoção Passo a Passo" e elaborou uma cartilha para profissionais de saúde sobre a mãe que pretende entregar seu filho para adoção. Essas duas cartilhas são peças da campanha "Mude um Destino" patrocinada pela AMB (Associação dos Magistrados do Brasil).

Márcia P. Ferreira e Maria Luiza A. M. Ghirardi estiveram em Brasília no dia 15/05/2008 para o lançamento da segunda fase da campanha "Mude um Destino".

Formou-se no Grupo Acesso uma equipe que está elaborando projetos de intervenção em abrigos. Os objetivos destes projetos são: produzir mudanças na qualidade das relações estabelecidas entre os atores que interagem no abrigo e possibilitar uma nova compreensão sobre as diversas manifestações das crianças e adolescentes que vivem em abrigos.

EVENTOS

ADA MORGENSTERN

Nesse 1º. semestre de 2008, o Setor Eventos promoveu duas atividades:

- "Encontro Clínico"
- "1º. Encontro Cinema e Psicanálise com Crianças".

O **Encontro Clínico** vem se tornando um espaço de referência para discussões sobre a clínica com crianças, bem como um momento de troca e contato com psicanalistas de diversas perspectivas teórico-clínicas e diferentes inserções institucionais.

Nesse encontro do dia 4 de abril, contamos com a presença da psicanalista Beatriz Cauduro Cruz Gutierrez. A presença de alunos e de outros membros do DPC tem sido constante e numerosa, confirmando cada vez mais a importância dessa atividade.

O **1º Encontro Cinema e Psicanálise com Crianças** foi uma atividade proposta por Lia Fernandes, membro do nosso DPC. O Setor acolheu com muito entusiasmo a possibilidade de criar mais esse espaço de referência, que terá uma frequência semestral. A exibição do filme "Labirinto do Fauno" foi seguida por uma discussão. Ocorreu um diálogo bastante frutífero, do qual participaram professores e alunos do curso, assim como alguns membros do DPC. O próximo encontro está marcado para dia 7 de novembro com o filme "A Era do Gelo".

Temos programado para os dias 6 e 7 de junho, o **II Encontro de Psicanálise com Crianças**. Esse evento será realizado em **Goiânia**, em parceria com a **Clínica Dimensão**. Os professores Adela, Audrey, Bernardo, Elsa, Lila e Maria apresentarão trabalhos ligados aos temas "Transferência e Interpretação na Clínica Psicanalítica com Crianças". Além disso, as professoras Adela e Elsa ministrarão dois mini-cursos, com 3 horas de duração.

EXTENSÃO

ELSA VERA KUNZE POST SUSEMIHL

Tivemos, durante este primeiro semestre, uma reunião com os integrantes do Setor Extensão, que é composto pelos coordenadores de todos os cursos de aperfeiçoamento, expansão e de departamento. Além das questões gerais, foi discutida uma proposta de novo curso de expansão, demandas e questões de ampliação dos cursos de aperfeiçoamento e divulgação. Todas as questões ainda estão sendo elaboradas e serão discutidas e decididas mais para frente. Foi discutida também a reapresentação, no 2. semestre, do curso de expansão *Clínica médica com crianças e a psicanálise*, que infelizmente não pode ser dado em 2007 por falta de quórum. Esperamos que possamos contar com ele este ano.

Nossos cursos de aperfeiçoamento tiveram boa procura e estão sendo dados conforme programação.

São eles:

- *Um percurso na obra de Winnicott*
- *Introdução à intervenção precoce na relação pais-bebê*

Como novidade está em andamento também o curso de departamento:

De Bion a Ferro: transformações em psicanálise da criança, ministrado por Elsa Susemihl às 6.f das

16 às 17:40hs com duração de um semestre.

Nossa programação para o 2. sem. por enquanto é:

Cursos de aperfeiçoamento já em andamento;

Cursos de expansão:

- *Psicanálise da criança: configuração de um campo* coordenado por Elsa Susemihl e Mary Ono, 4f das 18:00 às 20:00hs.

- *Clínica médica com crianças e a psicanálise*, coordenado por Lia Pitliuk.

Fique atento ainda aos projetos de cursos de departamento para o 2.sem. de 2008:

- *Os casos que fizeram história na psicanálise com crianças. Módulo III* ministrado por Adela de Gueller.

- *De Bion a Ferro: transformações em psicanálise da criança II*, ministrado por Elsa Susemihl às 6f das 16 às 17:40hs com duração de um semestre.

CONVERSANDO SOBRE ANTONINO FERRO

ELSA VERA KUNZE POST SUSEMIHL & ESTER HADASSA SANDLER

CONVIDAMOS DUAS PSICANALISTAS DE CRIANÇA PARA CONVERSAREM E NOS CONTAREM A RESPEITO DE SUA EXPERIÊNCIA COM AS CONTRIBUIÇÕES DE ANTONINO FERRO E O IMPACTO DESTAS NA SUA CLÍNICA. ESTE AUTOR ITALIANO, QUE ESTEVE ALGUMAS VEZES NO BRASIL E QUE TEM PARTE DE SUA OBRA TRADUZIDA PARA O PORTUGUÊS, TEM DESPERTADO INTERESSE NOS PROFISSIONAIS QUE SE DEDICAM À PSICANÁLISE DA CRIANÇA EM GERAL E NO NOSSO DEPARTAMENTO EM PARTICULAR.

BOLETIM: Gostaríamos de ouvir vocês a respeito da experiência que têm com ele, com seu o trabalho, seu pensamento e como isso influi na sua prática como analistas de crianças.

ELSA: Notei com certa surpresa que no DPC começou a surgir de uma forma meio esparsa um interesse pela obra de Ferro. Junto a isso, esse semestre, eu ofereci um curso de departamento, uma atividade do nosso Setor de Extensão, um curso basicamente voltado para membros do DPC, sobre Antonino Ferro e baseado no seu livro *A técnica na psicanálise infantil* (1). Esse curso foi proposto como uma certa continuidade ao curso que eu dei no semestre anterior, *Uma introdução às idéias de Bion*, agora com o objetivo de voltar um pouco mais para a psicanálise de criança. Algumas pessoas interessadas se inscreveram, mas várias pessoas que não se inscreveram vieram falar comigo a respeito do seu interesse pelo tema e pelo autor, e que tiveram vontade de fazer o curso. Isso tudo nos motivou a

pensar um DIÁLOGOS sobre as contribuições deste autor. Você também nota esse interesse crescente sobre Ferro? Como e quando ele começou a ser estudado aqui?

ESTER: A primeira vinda do Ferro a São Paulo foi atendendo a um convite de Maria Olympia para participar do evento Ressonâncias (2).

ELSA: Sabe quando foi isso?

ESTER: Isso deve ter sido em 1996, porque foi no ano anterior ao centenário do Bion (3), que foi 1997, em Turim. Eu sabia da admiração que algumas pessoas, como Parthenope Bion, tinham por ele e por suas idéias. Nessa primeira vinda, ele deu conferências e supervisões na SBPSP e foi então que eu conheci o seu trabalho mais de perto. Achei interessante as coisas que ele dizia,

(2) Simpósio organizado pela SBPSP em novembro de 1996 *'Bion em São Paulo Ressonâncias'* organizado pela Diretoria Científica presidida na época por Maria Olympia de A. F. França.

(3) Parthenope Bion, filha de W. R. Bion, psicanalista que atuou na Itália e faleceu em 1998.

(4) 41. Congresso Internacional da IPA, Santiago, Chile, 1998.

(1) Ferro, A (1992) *A técnica na psicanálise infantil. A criança e o analista: da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

mas um interesse que não primava pela novidade, pelo impacto. Havia uma sensação de familiaridade e, ao mesmo tempo, um certo desapontamento. Mas, então, era só isso? Algo que eu mesma poderia ter pensado, feito, dito? A postura dele era agradável, delicada, tão diferente da dos "grandes nomes" que nos visitavam. Dava para sonhar um pouco junto com o que ele falava, pensar junto. Em seguida, não sei se você lembra, Elsa, nós duas estivemos no Chile (4). Estávamos assistindo a uma apresentação do Ferro naquele grupo dos leitores de Bion (Bion's readers around the world) e começamos a ficar meio indignadas. Você lembra?

ELSA: Lembro-me bem!

ESTER: Por que a gente se perguntava, que negócio é esse? Ele apresentou um caso, o material de um paciente cujo filho tinha uma doença grave, acho que era hemofilia, e ele parecia contemporizar, reassegurar, aplacar a angústia, tão cheio de dedos. Destacava a maneira dele conversar sobre determinadas coisas com o paciente sem tocar no assunto. Era basicamente essa a nossa ressalva, o contraponto com o que seria a maneira "clássica" de lidar com identificação projetiva. Ficamos inquietas até que a coordenadora da mesa percebeu e insistiu para que eu falasse. E foi isso que abordei, desajeitadamente: "Como não tratar da angústia do paciente, diretamente?" Lembro que esse foi o meu primeiro diálogo, um questionamento, das idéias do Ferro, um confronto a respeito dessa maneira que eu percebia como sendo um pouco escorregadia. Ele continuou delicado, bem humorado como nos encontros que havíamos tido. Acho curioso

conversarmos agora, tantos anos depois, sobre a obra do Ferro a partir de um outro ponto de vista, com mais maturidade, falando da minha parte. Perceber que "menos é mais", e o quanto isso é importante e diz respeito diretamente às contribuições dele.

BOLETIM: O que ele te respondeu lá no Chile?

ESTER: Ele foi muito compreensivo. Muito delicado e nós, eu e Elsa, fomos meio beligerantes, arrogantes.

ELSA: Acho que houve um estranhamento da gente.

ESTER: Esse estranhamento é uma característica, não da teoria dele, não posso dizer que ele tenha desenvolvido propriamente uma teoria. Ele traz uma série de contribuições e desenvolvimentos de idéias de alguns autores, três autores basicamente, com um toque e um tempero muito peculiares. A leitura dos livros dele pode gerar uma impressão de repetição, e de indagação, qual é a novidade? Tem muito material clínico, e isso não é casual. Quando a gente depõe as armas da razão, digamos assim, tem uma coisa mais receptiva, então a coisa começa a fazer muito sentido, ou melhor, sabor. E eu tenho com o Ferro uma dificuldade parecida com a que tenho com Winnicott. Acho que seria muito difícil dar uma aula sobre o Ferro. Estava até pensando como é que você encara isso, Elsa. Porque a teoria e as concepções que o embasam estão entranhadas na clínica, na culinária. Posso dizer, pelas conversas que tivemos e pela leitura de seus livros, que ele se fundamenta em Bion, nas contribuições do casal Baranger - sobre campo e, também,

nas contribuições de Umberto Eco e outros linguistas. A partir dessas três vertentes ele desenvolve um instrumento e uma arte, por intermédio da linguagem narrativa, de restauro da capacidade de pensar e sonhar do paciente, começando por proporcionar alimento mental que possa ser assimilável, do mesmo modo que é preciso cuidado e conhecimento para reintroduzir alimentação a quem está desnutrido ou com "problemas digestivos".

ELSA: Acho que pra mim o que causou um grande impacto naquela experiência foi o fato de estar então muito habituada a questões como: buscar o inconsciente, buscar angústia, a defesa. Do jeito que ele trazia e apresentava o material parecia que estava conversando alguma coisa de uma forma tão coloquial que qualquer um o podia fazer ou dizer, não precisava ser psicanalista. Eu ficava me perguntando onde está o trabalho com o inconsciente, com a angústia, com a transferência? Quer dizer, onde está aquilo que em última análise define a psicanálise como tal. Ou colocando, de outra forma, nessa maneira por ele apresentada de trabalhar, onde reconheço a qualidade de um trabalho psicanalítico, baseado no pressuposto de um inconsciente, e não de uma narrativa colada no consciente. Isso foi uma questão que me acompanhou por muito tempo até que eu consegui perceber. Às vezes você ouve ou lê o que ele fala, e parece que é uma narrativa só do consciente.

ESTER: Ou, então, algo que poderia parecer quase como apenas ser "bonzinho" com o paciente.

ELSA: Isso. Porque ele vai muito junto

com o paciente, ele não abre grandes frestas. É muito cuidadoso. Quer dizer, a gente vai dizendo muito do que a gente lê, não sei como ele é. Parece que ele acompanha e vai conversando aquilo que o paciente apresenta muito de perto, com muita atenção e cuidado.

ESTER: Eu acho que a maior contribuição dele é para que o analista faça um trabalho interno, nos bastidores. Apenas incidentalmente tange a psicopatologia do paciente. Tudo o que ele traz é uma contribuição para o analista encontrar instrumentos, refinar esses instrumentos para poder trazer alguma coisa que o paciente possa alcançar. Ele praticamente não fala do paciente, da patologia. É sobre a função do analista, seu aprimoramento, a maior parte das vezes silencioso e subterrâneo, não explícito. Acho que essa é a grande diferença.

ELSA: Fica claro falando assim?

BOLETIM: Fica. É engraçado, porque essa era a minha experiência mesmo como leitora do Ferro. Quando a gente chegou a cogitar o nome dele pensei que não tinha muita familiaridade com suas contribuições. O pouco que eu li dele, eu li como leitora, não tentando ver teoria. Agora faz sentido. Não tem mesmo teoria.

ESTER: Até tem.

BOLETIM: Tem a teoria, mas está dentro do caso clínico. Eu me lembro de ler os casos clínicos dele. Mas eu nunca tinha parado pra olhar como um autor.

ESTER: Foi depois dessa sequência, desse primeiro contato aqui em SP e

depois das experiências no Chile, que eu me percebi mudando de idéia e tendo que engolir a própria língua. Como aquela experiência de ser meio desaforada, não intencionalmente, em nome de uma "bandeira" ideológica. O jeito que ele lidou começou a fazer sentido pra mim, que tipo de analista que ele era. Tem uma teoria? Tem. Ele desenvolve a questão da função alfa, do sonho, não de modo teórico, mas de um modo que pode ser colocado em prática. Há uma concepção dele que sintetiza isso. As micro-narrativas transformadoras, em contraponto com as transformações narrativas; e o prefixo micro não está aí à toa. É quase uma inversão, pois ele coloca a ênfase na capacidade transformadora da narrativa, transformadora das emoções impensáveis e indigeríveis. Ele tem uma teoria da técnica, que diz respeito ao lugar que o analista ocupa no campo analítico, da análise realizada na intersubjetividade. Dele não achar que o paciente tem que aprender a ser um analisando. Cabe ao analista chegar ao paciente e a partir daí acrescentar alguma coisa que possa permitir que o paciente evolua. Na amizade que desenvolvemos pude descobrir uma profunda coerência e consistência dele como pessoa. Como se dizia de Vinicius de Moraes, que não só fazia poesia mas vivia como poeta, sinto que ele também é assim, pelos contatos que tive com ele.

ELSA: Eu acho que isso a gente percebe também quando lê os seus livros, porque as coisas que ele traz, ele não as coloca como contribuições que sejam contra alguma idéia previamente estabelecida, mas como um ponto de vista complementar aos outros, um vértice a mais. Ou seja, ele não tem uma postura de rivalidade com

relação ao pré-existente, mas de reconhecer os fundamentos e contribuir para além deles. Ele repete isso muitas vezes no livro sobre a Técnica, no início principalmente, quando ele faz um "zoom" pelas teorias que já existem. Reafirma ali várias vezes que além do vértice de Freud, que ele resume como sendo histórico, de Klein, fantasmático e intra-psíquico, e de Bion sobre o desenvolvimento de um aparelho para pensar que se desenvolve a partir de uma relação do par, ele diz que vai enfocar alguma coisa um pouco distinta, e talvez particular, mas que é somente mais um vértice, complementar aos outros. Não um vértice ao qual ele vai se restringir, mas tendo os outros também como ferramentas. Quer dizer, o vértice dele, baseado na atenção ao campo emocional, não é algo que deva ser colocado no lugar dos outros. Ele não dispensa os outros. Aliás, penso que seu vértice na verdade está a serviço dos outros, na medida em que dará particular atenção a como o paciente indica os movimentos de resistência, inclusive do analista, em relação ao contato analítico. Eu acho isso super interessante e tem a ver com o que você está falando da personalidade dele, também agregadora.

ESTER: Nos contatos que tivemos, ele sempre esteve muito à vontade, muito simples e com um humor refinado. Autêntico.

ELSA: Uma coisa legal para comentarmos são as questões, por exemplo, como essa do "campo emocional". Parece que ele alarga um pouco a questão da relação emocional para uma coisa que se estabelece no campo entre o analista e o paciente. Nesse campo ele coloca tudo o que

acontece: verbal, não verbal, na sala, no setting, tudo o que se dá quando os dois, paciente e analista se encontram. Acho muito interessante como ele olha pra esse campo, focando a indicação e o conhecimento que o analisando tem a respeito do que acontece com o analista no campo, as 'dicas' que o analisando dá a respeito do que tá acontecendo com o analista. Ele se refere a algo como um texto que é produzido pela dupla pela necessidade de narrar e exprimir emoções e afetos presentes naquele encontro. Parece-me uma maneira nova, uma contribuição mais específica de olhar para isto.

ESTER: Na verdade, não é.

ELSA: Acho que nas discussões dos casos clínicos no livro a gente vê como ele vai explicitando essa maneira de trabalhar. Aliás, só um parêntese, o curso que estou dando não é exatamente sobre o Ferro, mas temos uma proposta de ler em conjunto o seu livro sobre a técnica e discutir também alguns conceitos de Bion e algumas questões da psicanálise da criança. Voltando então, o material ali não é visto apenas sob o ponto de vista da história de defesas e angústias, mas como alguma coisa que indica algo que está acontecendo de vivo naquela relação, naquele campo. Não é só aquilo que é vivo e acontece no paciente, mas como ele pode expressar do ponto de vista dele o que está ocorrendo com o analista em termos de dificuldade, de uma defesa do analista em relação ao material do paciente no campo, lá dentro da sessão.

ESTER: Eu acho que, se você for prestar atenção, essa inclusão dos

elementos o colocaria como alguém que está muito alinhado com a idéia da transferência. Tanto em termos de Freud, como a transferência como situação total em Klein. Essa coisa que você falou de prestar atenção, diria também que é fincada no Bion. No sentido que o Bion diz que a interpretação do analista se refere a esclarecer como o paciente está vendo, ou transformando, a maneira como o analista o vê, ou as transformações que o analista está fazendo. Esse jogo de espelhos, e reciprocidade, está formulada no Bion de uma maneira mais clara e concisa do que pude falar agora. Não existe relação que não seja "relacional" e relacionada...

BOLETIM: Qual a diferença entre o campo relacional e a teoria dos campos dos Baranger (5)?

ESTER: A importância dos Baranger para alguns analistas italianos remonta, acho, a uma espécie de reação traumática a uma corrente kleiniana. Até hoje não sei dizer quem, como ou o quê aconteceu, mais parece ter sido bastante complicado.

ELSA: Na Itália?

ESTER: Sim. Uma rigidez quase caricatural. Eu não sei informar melhor, mas parece se referir a um momento de introdução das idéias de Klein na Itália. Não só não foi assimilado, mas gerou uma espécie de revolta e de indignação de focar excessivamente a destrutividade do paciente, colocando o analista sempre entre parêntese; também em relação à técnica de

(5) Baranger, M., Baranger, W. (1961, 1962) *A situação analítica como campo dinâmico*.

interpretar tudo e sempre, como uma espécie de metralhadora interpretativa. O Ferro e outros analistas contemporâneos dele sempre reconhecem com gratidão a importância do contato com Luciana Nissim Momigliano, que teve uma influência muito grande no desenvolvimento de toda turma.

BOLETIM: Como vocês vêem a contribuição de Ogden nesse contexto? De alguma forma ele também se refere ao campo estabelecido entre o paciente e o analista.

ESTER: O Ogden já é uma pessoa da segunda ou terceira geração pós Bion. De uma mesma safra que o Ferro, de alguém que fez um desenvolvimento das idéias do Bion, um desenvolvimento particular. Os dois trabalham a questão da "função alfa", as delicadezas, os micro-movimentos da sessão. A maneira quase que poética de interferir, de falar com o paciente, embora tenham contribuições bastante diferentes. Eu tenho a impressão de que eles são galhos, digamos, que estão na mesma altura em termos da ramificação da obra de Bion.

ELSA: Eu acho que a gente estava tentando falar um pouco do que é esse campo. É justamente aí que cada um vai formulando o que acontece no campo, de uma forma diferente. O Ogden, com sua idéia a respeito de um 'terceiro analítico', penso que tenta dar uma forma mais definida para isto que acontece no campo, uma forma mais precisa e delineada em teoria. Já em Ferro, quando ele descreve, nem é tanto isso. Não existe um terceiro analítico, mas um campo emocional

que é apreendido por ambas as mentes que por sua vez tecem e dão sentido a este campo.

ESTER: É que o Ogden (6) acabou sendo mais conceitual.

ELSA: É. O Ferro vai descrevendo, ele não fala de um terceiro analítico, mas ele coloca a coisa nesse campo relacional, fala dos hologramas, enfim.

ESTER: São poucas as coisas a que ele dá uns nomes cabeludos, mas que fazem um sentido se você tiver boa vontade de tentar ler e compreender. Basicamente, o que ele traz é de como a gente pode ser uma pessoa melhor e um analista melhor. Não sei se vocês chegaram a ver aquele livro de micro-contos, que eu traduzi (8). Achei meio escondidinho, em uma banca de livros de um Congresso em Turim. Comprei e pedi para ele autografar. Ele ficou meio sem graça, quase me falou pra devolver o livro. Era um livrinho de micro-contos. Existe um pós-fácio bem interessante.

ELSA: Não conheço. São contos escritos por ele?

ESTER: É. Estava no meio dos livros de psicanálise. Eu comprei, li e fiquei apaixonada pelo livro, e comecei a traduzir. O Ferro autorizou e cedeu os direitos. Mas, duas tentativas de publicar esse livro desandaram. O original tinha ilustrações cujos direitos autorais seriam complicados de negociar. Acabamos publicando o livro em uma "produção independente", foi uma espécie de presente que o Paulo me deu, tal o xodó que tive pelo livro.

(6) Ogden, T. psicanalista norte-americano.

(8) Ferro, Antonino. *Antes ali quem*. São Paulo: Hirondel, 2005

Mas, voltando ao fim do livro, o Ferro descreve o que ele chama de cenografia. Ele conta como é o consultório dele:

"Meu consultório fica em um pequeno edifício no centro histórico da cidadezinha de interior na qual passei, até agora, mais da metade da minha vida, desde que me transferi para cá depois da universidade.

Subidos três lances de escada íngreme, que já diluem as ebulições de muitos pacientes, chega-se ofegante à portinha do consultório.

Após uma ampla sala de espera, se tem acesso à "sala de análise". Nesta, a minha poltrona está enfiada entre o divã, daqueles clássicos - a dormeuse -, de um lado (à esquerda) e uma estante contemporânea (à direita).

Sobre a prateleira da estante à minha direita, no espaço que sobra entre as lombadas dos livros e a borda externa da prateleira, em uma repentina percepção, me dou conta de ter acumulado minhas 'ferramentas de trabalho', sem jamais ter estado consciente disso.

Ali se encontram: um velho estetoscópio do meu pai (creio que escutar o 'coração' faça parte da especificidade da profissão); um medidor de pólvora pra preparar os cartuchos, de meu avô (e as interpretações devem ser bem dosadas e, às vezes, é preciso que 'golpeiem'...); um resto fóssil que um dos analistas que mais me ajudaram e me guiaram, Luciana Nissim Momigliano, me deu de presente por ocasião da escrita, com uns colegas, de um livro em sua homenagem (a metáfora arqueológica está sempre ali à espera); uma bússola que tempos atrás ganhei de presente, e que acredito dispensar comentários; um

hemômetro para analisar o sangue, sempre de meu pai (analisar é meu ofício); um pequeno seixo ferroso, de Esterel, que nos momentos mais difíceis me lembra a 'massa' da qual devo ser feito e as férias. Um modelinho de avião, presenteado por uma amiga na minha primeira viagem intercontinental, me salva das vivências claustrofóbicas que 'a viagem' nas salas às vezes pode dar.

Todas essas coisas são mais ou menos invisíveis aos pacientes e formam meus suprimentos de confort nas longas horas passadas no trabalho. Esquecia, existe também uma longa e velha chave de ferro, a velha chave da casa de campo onde ficava quando criança, chave que dava acesso a um mundo - então para mim - encantado e onde floresciam as histórias de minhas brincadeiras dos piratas a Kociss aos Jubas Vermelhos. ...".

Daí ele descreve o resto da sala, que são coisas neutras, mas são coisas que o reconhece, e nas quais ele se reconhece. Ali acontece, o que acontece numa sala de análise. Em seguida, ele vai descrevendo o que ele faz no trabalho. A melhor descrição que eu já vi dele, do que ele faz. Se vocês quiserem podem transcrever, a gente pode dedicar um tempo para conversar.

ELSA: É, mas eu acho que aí a gente já reconhece toda essa proximidade com a narrativa.

ESTER: O próprio inconsciente dele.

ELSA: Poder expressar isso de uma forma tão delicada, com palavras. É interessante. Acho que foi isso que me chamou mais atenção nessa leitura, porque ele é muito "delicado nas

percepções.

ESTER: Tem outro pós-fácio (ou prefácio) escrito pelo Vincenzo Bonamino (9), não sei se vocês chegaram a ler. Ele conta que uma pessoa liga para o consultório dele (Bonamino) e diz ter recebido a indicação de um colega cujo nome não lembrava. O casal estava se mudando para Roma e procurava ajuda para o filho. Conversando com o casal, ele acaba dizendo: "bom, o Dr. Ferro deve ter pensado isto ou aquilo". Os pais ficam surpresos, pois não tinham contado quem os tinha encaminhado, seria o mesmo Ferro? Vincenzo então conta que reconheceu quem era o analista pela maneira como os pais contavam como a criança tinha sido tratada. É muito interessante, pois há a marca de bondade, ou benevolência, que não deve ser confundida com ser complacente ou condescendente, e sim no sentido de compaixão... Paixão e simpatia pelo ser humano. Essa criança tinha tido movimentos de melhoria e de recrudescimento de dificuldades. Ele chorava, ficava angustiado, parecia que andava pra trás. Ferro tinha usado um modelo que havia ajudado os pais a conterem a angústia perante a regressão do menino. O modelo era que mesmo as crianças que já sabiam andar de bicicletas sem rodinhas, podiam vez ou outra precisar das rodinhas de novo. Esse interesse benevolente, o investimento amoroso no crescimento do paciente, diferenciaria Ferro dos analistas que se dispõem a aplicar muito brilhantemente uma técnica, uma sabedoria e o colocaria para mim como o antípoda do alienista.

ELSA: Quer dizer, a gente poderia

(9) Vincenzo Bonamino, psicanalista italiano

resumir isso como uma maneira de se estar realmente comprometido com o que acontece. Não é nem na relação, mas é de você estar junto mesmo. Isso é muito interessante, como ele sublinha muitas vezes que a questão não é paciente ou o analista. O destino do paciente vai depender do destino do par. Quer dizer, é necessário você como analista se implicar nisso, topar entrar junto na canoa e remar junto, você está junto. Não tem como você ficar de fora orientando as diretrizes, indicando caminhos. Vai depender de como você caminha junto, desta sua possibilidade. Eu acho que esse exemplo que você contou com mais detalhes muito bom, era um pouco o que eu estava querendo dizer. Essa coisa de falar: bicicleta, pedalada, rodinha...

ESTER: Que seria um exemplo do que ele chama de agregado, agregado funcional (10).

ELSA: Acho que é. De você poder falar isso, dessa experiência, falar de uma experiência emocional em andamento entre analista e paciente e ir dando vários nomes. Ele tem muita sensibilidade em colocar isso em palavras simples de serem entendidas.

ESTER: Essa arte fica muito clara nos micro-contos. Seria o trocar em miúdos aquilo a que Bion se refere como "confeção de modelos" e o mito como uma das dimensões intrínsecas ao objeto psicanalítico e, portanto, à interpretação. O andar de bicicleta

(10) Agregados funcionais são definidos por Ferro como figuras que surgem no texto manifesto do campo analítico como síntese de elementos heterogêneos (verbais, emocionais, corporais) provenientes seja do paciente, seja do analista. São funcionais na medida em que surgem em função do funcionamento mental do par e das necessidades comunicativas do momento. (A técnica da psicanálise infantil, p. 40)

seria um modelo, um "mito". Poucas pessoas fazem leituras simplificadas ou, melhor dizendo, simples, das idéias de Bion. Eu acho muito difícil escrever livros pra crianças. Só um grande escritor pode escrever um livro pra crianças, um livro que não seja uma cartilha pedagógica. Para você alcançar isso, você precisa saber falar, como diz o Chico, grego com a imaginação de alguém.

ELSA: De alguma forma a gente tá falando de psicanálise com crianças...

ESTER: Com crianças, com adultos e especialmente com aquelas pessoas com déficits específicos nessas áreas, aquelas que a gente usualmente chama de psicóticos ou borderlines, ou também os "normopatas". Não sei se você lembra de um seminário em que ele falou de uma paciente que falava com muita frequência dos fantasmas e aparições que via. Ela via fantasmas atravessando as paredes, aqui e ali. A tendência que temos, por angústia, é a de reduzir coisas desse tipo à categoria de delírios e alucinações. E, em seguida, reduzir os delírios e alucinações, ou seja, reconduzir a pessoa à razão e à realidade. Esquecemos do que Freud nos ensinou a respeito da psicose como tentativa de reconstrução do ego. Nesse seminário o Ferro contou como começou a conversar com os fantasmas também, algo que ele chamou de holografia afetiva. E os fantasmas, convidados não a se retirar, mas a participar, tornaram-se derivados narrativos, personagens.

ELSA: Isso também me lembra uma coisa que eu li dele. Ele chama muito a atenção sobre uma fresta que a gente pode ter na hora da aflição, da angústia

que sentimos ao entrarmos em contato com a angústia do paciente, o que nos leva a fazer uso de teorias conhecidas, um uso defensivo, pra dar conta mais da nossa angústia do que, de fato, do paciente. Por exemplo, ficar interpretando rapidamente os fantasmas como alucinação, uma discriminação entre fantasia e realidade, pra você se defender do impacto de estar com uma pessoa que está vendo fantasmas e você não saber o que está acontecendo, muito menos o que você vai fazer com isso.

ESTER: Um dos livros do Ferro, "A psicanálise como literatura e terapia" (11), trata dos estilos que o paciente utiliza para se comunicar. Pode ser uma dor no joelho, sem que tenhamos de pensar em hipocondria. Pode ser o fantasma, sem que tenhamos que diagnosticar uma alucinação. Pode ser a briga com o marido, ou podem ser os problemas profissionais. Ele usa uma imagem pra aquilo que você acabou de falar, o cozinhar com a panela suja.

ELSA: Conta um pouco.

ESTER: É só isso. Quer dizer, se você cozinha com a panela suja, a comida vai ficar com o ranço do que estava lá antes. Pode ser aquilo que você discute em supervisão, aquilo que você leu. Para cozinhar bem a gente aprende que primeiro tem de lavar direito as panelas.

BOLETIM: Estamos no final do nosso tempo e então gostaríamos de encerrar esta conversa agradecendo a presença de Ester e Elsa e sua

(11) Ferro, Antonino. *A psicanálise como literatura e terapia*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Elsa Vera Kunze Post Susemihl

Psicóloga USP, Especialista em psicologia clínica CRP, Psicanalista Membro Associado da SBPSP, Membro do DPC do ISS - professora do curso de especialização em *Psicanálise da Criança*, do curso de expansão *Psicanálise da Criança: configuração de um campo* e dos cursos de departamento *Introdução às idéias de Bion* e *De Bion a Ferro: transformações em psicanálise da criança*, Tradutora (Freud, RBP, LAP).

Ester Hadassa Sandler

Graduação em medicina FMUSP, Especialização em Psicoterapia de Crianças Adolescentes GEPPI, Formação e qualificação em Psicanálise pelo Instituto Durval Marcondes da SBPSP, Membro Efetivo e Psicanalista Didata da SBPSP, Atual Secretária Geral do Instituto Durval Marcondes da SBPSP, Participação em Congressos Nacionais e Internacionais, Artigos Publicados em Livros e Revistas Nacionais e Internacionais, Tradutora de livros de Roger Money-Kyrle, Wilfred R. Bion e Antonino Ferro.

Sobre Antonino Ferro

Nascido em Palermo em 1947, formou-se em Medicina na Universidade de Psiquiatria pela Universidade de Pavia, próxima a Milão, trabalhou de 1976 a 1983 em um projeto de prevenção de doença mental, e depois em projetos ligados ao uso de drogas e geriatria; encaminhou-se para neurologia infantil aliada à psiquiatria infantil, dirigindo um centro de reabilitação motora e de linguagem, sempre em Pavia. Tornou-se professor de Psiquiatria e Psicanálise Infantil na Universidade de Milão. Lá obteve análise didática e tornou-se analista didata pela Società Italiana de Psicoanalisi, filiada à IPA. Estusiasmado com o conceito de psicanalítico proposto pelo casal Baranger, entrou em contato com a obra de Bion, que

estudou, segundo ele mesmo, com entusiasmo. Vê-se como alguém que se familiariza com o maior número de pontos de vista possível, sempre mantendo visões próprias que tenta integrar aos primeiros. Tem sido convidado para Congressos, Cursos, Seminários e supervisões em várias partes do mundo e ocupado funções administrativas em instituições psicanalíticas e órgãos de divulgação psicanalítica, como a secretaria científica da SPI, corpo editorial de numerosos periódicos (Revista de Psicoanálisis de APA-Buenos Aires; Monographies de Psychanalyse de la Revue Française de Psychanalyse; Revista Portuguesa de Psicanálise; Journal of Melanie Klein and Object Relations, São Paulo; Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul Porto Alegre) editoriais (Livro Italiano do Ano da IJP, Editor dos 'Quaderni di Psicoterapia Infantile' publicado pela Borla), e é atualmente Editor para a Europa do IJPA International Journal of Psychoanalysis, da Sociedade Britânica de Psicanálise.

Alguns títulos do autor:

Ferro, Antonino. *A técnica da psicanálise infantil: a criança e o analista; da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

Ferro, Antonino. *Na sala de análise. Emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

Ferro, Antonino. *A psicanálise com literatura e terapia*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Ferro, Antonino. *Pensamento clínico de Antonino Ferro*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

Ferro, Antonino. *Fatores de doença, fatores de cura: gênese do sofrimento e da cura psicanalítica*. São Paulo: Imago, 2005.

Ferro, Antonino. *Antes ali quem*. São Paulo: Hironel, 2005.

TEMPORALIDADE DA INFÂNCIA

MARCELO COELHO

CONFERÊNCIA APRESENTADA NO EVENTO DE ANIVERSÁRIO DE 10 ANOS DO DPC EM OUTUBRO DE 2007, NO ISS.

Agradeço este convite do Sedes, que me permite desenvolver um pouco algumas idéias sobre infância e nossa relação com a temporalidade, coisa que eu pretendo fazer a partir de minhas experiências pessoais, como pai de dois meninos pequenos, um de três e outro de cinco anos.

Muitas pessoas que têm filhos mais velhos, adolescentes ou já adultos, costumam me dizer: "aproveite, porque passa tão rápido..." Provavelmente eu também vou achar isso daqui a uns quinze anos. Mas a minha sensação, atualmente, é que não passa tão rápido assim. Tenho a lembrança clara, por exemplo, das dificuldades que é fazer uma criança adormecer. Dos longos passeios de carrinho, às vezes dentro do apartamento mesmo, na esperança de que o bebê dormisse, e nada... Das viagens intermináveis para o litoral, com um ou dois meninos agitadíssimos, incapazes de se sentar na cadeirinha com o cinto de segurança, pedindo colo ou se jogando no assoalho do carro.

Sei que nada disso passou rapidamente. Sei, agora, que passou e isso é o bastante...

Mas é natural nos espantarmos com a "rapidez" desses tempos de cuidar de criança pequena. Por várias razões, eu acho. A primeira é que o desenvolvimento da criança, ao contrário do nosso, é de fato muito

intenso, e o ser humano aprende uma espantosa quantidade de coisas em três ou quatro anos. Na nossa vida adulta, quatro anos não costumam trazer mudanças relevantes; os quatro primeiros anos da vida trazem, claro, um acúmulo de desenvolvimento e de aprendizado gigantesco. É a quantidade de coisas concentrada no tempo, quando o vemos de fora, que é muito grande. Mas não a velocidade do tempo quando o vemos de dentro.

Uma segunda razão para acharmos que "tudo passa rápido" é que, depois que tudo passou, o que temos em nossa mente não é mais a experiência concreta, mas a memória de alguns fatos, situações, sensações. É a memória, na verdade, é uma operação mental que se dá no plano do simultâneo, não do tempo vivido; sua linguagem é a de um quadro mental, de uma imagem, mas não de um percurso lento, que transcorre em meio a grandes períodos de "vazio", de espera, de "não-acontecimento".

Creio que é esse paradoxo que está por trás do conto muito conhecido de Borges, "Funes o Memorioso", em que se fala de um personagem incapaz de esquecer qualquer coisa, possuindo a memória de todos os mais insignificantes detalhes da própria vida. Borges diz, por exemplo, que Funes era capaz de se lembrar de todas as minúsculas transformações das nuvens que passam pelo céu

numa tarde. E completa: a rememoração dessa tarde ocupou uma tarde inteira de Funes.

Certamente, estamos aqui diante de um paradoxo, porque uma mente que fosse capaz de reencenar todas as variações das nuvens na memória teria de fazer, além disso, mais uma coisa: saber que está se lembrando daquelas nuvens, prolongar voluntariamente a sua experiência de rememoração. Haveria um vaivém entre a atenção dada a si mesmo (estou me lembrando, foi exatamente assim, vamos continuar mais um pouquinho...) e a atenção dada à "cena" rememorada. Penso que, a cada mudança de foco no seu pensamento, Funes estaria interrompendo o processo contínuo de sua rememoração. Estaria vendo uma seqüência, muito grande, sem dúvida, de "fotos" daquelas nuvens, mas não estaria vendo um "filme" com a duração exata do processo vivido. Se estivesse vendo imaginariamente o filme daquela tarde, não diríamos que ele estava se lembrando daquela tarde mas sim que estava *sonhando* aquela tarde, sem consciência de cada um dos momentos de sua rememoração. Para ver, ou reviver, a tarde de novo, ele teria de se esquecer de quem é, do ato voluntário de sua memória; e, depois de despertar desse sonho, Funes não teria, justo ele, como se lembrar de que foi ele próprio quem sonhou. Uma memória consciente da própria rememoração seria, ao contrário, necessariamente fragmentada, e não contínua. Recupera o tempo, mas o vê parado, de fora, não o vive de dentro... Para explorar este caminho, o do jogo entre memória e experiência vivida na discussão da temporalidade, do aprendizado e da consciência na infância, vou recorrer a alguns textos

do filósofo Bergson, que podem ajudar nessas questões. A vantagem é que Bergson é um autor claríssimo, embora o que ele tenha a dizer seja muito difícil de exprimir e de explicar.

Há uma passagem célebre do seu livro *Matéria e Memória*, em que ele imagina uma situação muito clara, da qual tira conseqüências surpreendentes. Parafraseio o que ele diz:

Estou estudando uma lição podemos imaginar que é um texto que ele tem de decorar, como havia nas escolas antigamente. Leio a passagem uma vez, duas, três, e aos poucos algumas seqüências de palavras vão se cristalizando na memória, vão surgindo automaticamente; eu leio mais vezes, fico capaz de Reproduzir o texto inteiro na cabeça, depois de umas dez ou vinte leituras. No dia seguinte, na aula, eu falo o texto em voz alta, eu me lembro dele, eu o sei de cor.

Pois bem, agora eu trato de rememorar como foi a tarde em que decorei esse texto. Lembro-me, por exemplo, que da terceira vez que eu li o texto alguém tocou a campainha; que em determinado trecho eu tive muita dificuldade para decorar; que eu comecei decorando o primeiro parágrafo, que aí começou a chover, que eu tomei um café em seguida... e assim por diante. Eu lembro, portanto, do que se passou naquelas horas; lembro, também, do texto decorado. Mas alguém diria que essas duas memórias são a mesma coisa?

Num caso, houve o treino, o exercício, a repetição, e me dou por satisfeito se chego a reproduzir o texto igual em minha mente. No outro caso, os acontecimentos foram passando, e se

fixaram, mais ou menos, na minha memória; posso trazê-los de volta à minha consciência, e tenho consciência de que aqueles fatos se deram num fluxo de tempo. Essa é a memória do *vivido*, enquanto o texto é, por assim dizer, a memória do *aprendido*, do hábito mental que conseguimos adquirir para decorá-lo.

Pois bem, agora eu falo da minha experiência de pai, pensando nesses dois conceitos de memória apresentados por Bergson. Imagino que a vida de uma criança pequena se assemelhe um pouco à do estudante que tem de decorar a lição, mas é como se tivesse diante de si uma "lição" enorme, de quinhentas páginas, e que tem de lê-la inteiramente antes de voltar para ler uma segunda vez, e ler quinhentas páginas de novo até ler a terceira vez, etc...

Esse livro de quinhentas páginas tem, na verdade, a duração de um dia. Durante esse dia, várias "palavras" se repetem, vários movimentos têm de ser refeitos, várias situações são parecidas, mas em meio a tal quantidade de informações, diferenças, novidades, que a aquisição de qualquer hábito por exemplo, o da linguagem, ou o de andar, se vestir, etc., se perde e se mistura com a qualidade extremamente intensa de tudo o que está em curso.

A criança, podemos dizer, está mergulhada inteiramente no fluxo do "vivido", e demora muito para sair desse fluxo: sair desse fluxo é aquilo a que chamamos aprendizado, aquele treino, por tentativa e erro, de andar, de falar, de dizer "obrigado", de ir ao banheiro... sem dúvida, há qualidades muito diferentes nessas diferentes

coisas que uma criança adquire.

Mas eu vejo os grandes esforços que os pais têm de ter, a imposição difícil de uma série de *repetições*, para que a criança por fim saiba "de cor" a sua lição. Estamos como se tivéssemos um livro de ensinamentos, de regras básicas, que temos de impor a um aluno que está completamente entregue à experiência casual, da campainha que toca, da chuva que começou a cair, etc.,.

Sou levado a imaginar que a criança pequena, entregue a esse fluxo de acontecimentos e sensações que não reconhece inteiramente, que vive essa experiência em que tanto o que acontece com ela mesma quanto o que acontece fora dela constituem, por assim dizer, um espetáculo ininterrupto, está experimentando a vida do mesmo modo que Funes "rememorava" aquela tarde de nuvens: ou seja, a criança estaria *sonhando* a vida sonhos bons ou ruins, é claro e é por isso, justamente, que não nos lembramos dos primeiros anos da infância.

Por sorte, entretanto, os pais conseguem impor algumas regras para as crianças pequenas, e talvez seja interessante contar certas experiências que tive com meus filhos. Acho que os períodos em que meus filhos estavam mais impacientes, birrentos, fazendo escândalo por qualquer coisinha, de cinco em cinco minutos, foram os que antecederam alguma grande conquista, seja na linguagem, seja no controle das necessidades fisiológicas, seja na própria percepção do tempo.

Acho curioso como as crianças são

relativamente rápidas em aprender muitas coisas, não só de vocabulário mas de estrutura gramatical, e demorem tanto para perceber a diferença entre "ontem", "hoje", "amanhã", semana passada. Meu filho maior já é capaz de ler e escrever em letras de forma há um bom tempo, mas só muito recentemente sabe a diferença entre o que aconteceu "ontem" e o que aconteceu "anteontem".

Quanto ao menorzinho, um dos sinais de que a fase das birras está passando é que ele aprendeu o significado de "depois". Sem essas conquistas, tudo o que lhes é negado ou proibido assume a força de uma catástrofe absoluta, porque a experiência deles não é pontuada e dividida no tempo, mas é sempre imediata. De resto, podem fazer um grande escândalo quando saio para trabalhar, mas dali a três minutos, já entregues a outra atividade, certamente mal se lembram de que eu existo.

Um dos sinais de que as coisas começaram a melhorar, em termos de birra e gritaria, foi a de que ambos, numa certa idade, "aprenderam" o mecanismo dos faróis de trânsito. Vermelho pára, verde pode ir: a espera é curta entre uma coisa e outra, ou, pelo menos, suficientemente curta para que as crianças mantenham sua atenção no mesmo foco.

Também funcionou muito bem, especialmente com o meu filho menor, o recurso da "historinha". Qualquer coisa vale no momento da birra; se ele quer atirar coisas no chão, minha mulher imediatamente conta a história do menino que atirava coisas no chão, que se resume a uma fábula de

conteúdo moral bastante fácil de apreender... Estamos às voltas com uma representação de tempo muito curta, mas que nitidamente mostra o "antes" e o "depois", como toda narrativa.

E que, sem dúvida, será repetida inúmeras vezes. Todos sabemos que a criança precisa ouvir dezenas de vezes uma mesma história. Não é, sem dúvida, porque cada vez a história lhe pareça diferente: se fosse assim, não precisaríamos contar sempre a mesma... Mas porque ela está descobrindo uma outra forma de experiência, que não é a do fluxo contínuo dos fenômenos, e sim o do seu reconhecimento, da sua repetição; desse modo, eu diria que a repetição, e essa memória "treinada" no hábito, no ato de decorar, como se fosse um texto, as lições do dia-a-dia, constituem a porta de saída desse "sonho contínuo" e, sem dúvida, a passagem de uma existência ainda "animal" para uma existência humana.

É claro que muita coisa se perde e é dolorosa, talvez traumática, nesse processo. Justamente nós podemos entender que a psicanálise procura recuperar parte do que foi perdido, do que foi mutilado, nesse treinamento, e vai procurar ouvir aquilo que, sem "antes" nem "depois", sem "causa" nem "consequência", está perpetuamente no presente de cada um de nós. Em que medida a psicanálise infantil lida com isso, reequilibra esse processo de adaptação das crianças ao mundo externo, é algo que não tenho como dizer nesta palestra; felizmente, para mim, é um problema para vocês...

Marcelo Coelho

Articulista do jornal Folha de São Paulo

NEM SEMPRE NOS DAMOS CONTA DE QUE EM NOME DA PSICANÁLISE NOS ENREDAMOS EM PADRÕES INSTITUÍDOS E FIRMEMENTE ANCORADOS EM TEORIAS E PRÁTICAS. ISSO FERE PARADOXALMENTE A PRÓPRIA PSICANÁLISE EM SUA ESSÊNCIA, QUANDO ENCAPSULA A LIBERDADE A CRIAÇÃO E DO RENOVAR CONTÍNUO DA ESCUTA ANALÍTICA. LIA FERNANDES CONTA COMO SEMPRE ESTEVE ATENTA, DESVIANDO DESSAS ARMADILHAS, PROCURANDO MANTER-SE VIVA AO LADO DE SEUS PACIENTES

BOLETIM: Gostaríamos que você nos contasse sobre o seu percurso como analista e sobre os caminhos que a levaram a buscar formação como psicanalista de criança.

LIA: O meu percurso não é institucional, é bem particular, vamos dizer assim. Como acontece à maioria das pessoas, comecei a atender na faculdade, crianças. A gente iniciava com psicodiagnóstico. Interessei-me pela psicanálise logo no segundo ano e passei a estudar também fora da faculdade. Fiz um diagnóstico no terceiro ano, se não me engano, ou no quarto, já dentro de uma referência lacaniana. Foi quando começamos, eu e minha supervisora na época, Jussara Falek, a pensar numa continuidade entre o processo de diagnóstico e a psicoterapia. Assim, as crianças não quebrariam a transferência. Porque era comum neste momento que as crianças - e, os pacientes em geral - ficassem atrelados a uma necessidade das clínicas-escola. Então a gente propôs uma disciplina que iniciasse com as crianças em diagnóstico e já pudesse prosseguir em psicoterapia automaticamente, quando houvesse sentido para isso. A disciplina se chamava "Atendimento Individual com Intervenção Clínica sobre a Família". Além disso, eu também era monitora

de psicopatologia no terceiro ano, então ia aos hospitais psiquiátricos. Nesta época, ouvi um caso de uma mulher que tinha matado o filho, tinha dado veneno para seu bebê tomar. Eu fazia entrevistas e aplicava um teste, o TAT, que a gente tomava como discurso. A assistente da disciplina no hospital entendeu esse caso dentro de uma perspectiva de perversão dessa mãe. Porém, quando a gente foi pra supervisão, nossa professora, a Tânia Tsu, achou que não se tratava de perversão. O fato de uma mãe matar o seu filho fazia pensar num componente suicida. Havia algo no filho que era dela e que ela queria exterminar. A partir daí, fui fazer uma pesquisa no manicômio judiciário com mães que tinham algum episódio agressivo contra filhos. Cheguei lá e me defrontei com aquela coisa policial horrorosa que me fez quase não voltar porque as descrições que encontrei por escrito eram de monstros, não de pessoas.

BOLETIM: De que descrição você fala?

LIA: Dos prontuários. Eram histórias policiais que colocavam essas mães como assassinas. Quando voltei pra ouvi-las, tive uma sensação completamente outra porque pude visualizar algo muito narcísico em jogo.

Algo que se repetia nas entrevistas de a vida chegar num ponto insuportável de desamparo que uma criança chorando trazia para a mãe a imagem, estampada de seu próprio desamparo e as fazia terem que calar isso de um jeito ou de outro. Me lembro que a entrevista começava com uma pergunta: "Me fale da sua vida". Eu não perguntava sobre a agressão. E me lembro um dia em que eu estava andando por lá e uma mulher que eu tinha entrevistado no começo disse: "você gravou mais vida, Lia?". Achei tão curiosa aquela frase, porque eu tinha entrado lá achando que ia ver a morte e daí fui entendendo que aquela morte tinha um sentido dentro daquelas vidas. Essa imbricação do narcisismo da mãe com a criança me interessou sempre. Por isso, na intervenção com as crianças, a gente ouvia muito os pais. Não tinha aquela separação, como nas escolas mais kleinianas da época, de um analista ouvir as crianças e outro orientar os pais. A gente atendia as crianças e escutava os pais, era o mesmo analista. Isso era muito rico.

BOLETIM: Você chegou a fazer uma pesquisa na faculdade, uma iniciação científica?

LIA: Sim, fiz justamente com essas mulheres do manicômio judiciário.

BOLETIM: Que faculdade era?

LIA: A USP. Foi a Marlene Guirado que me orientou. Segui por um tempo com a pesquisa, mas infelizmente não pude terminar porque eles me deram uma bolsa só nos sete meses finais da graduação. Eu prossegui até o fim e depois de terminado o curso queria continuar a pesquisa, mas a FAPESP

só estava financiando mestrado. Foi muito boa pra mim toda experiência da graduação, mas eu queria muito sair da faculdade para poder estudar o que quisesse. Foi quando passei a frequentar grupos de estudos, estudando psicanálise, muito junto com uma analista querida com quem aprendi bastante, Carmen Molloy. Segui assim durante dez anos estudando em grupos, fundamentos da psicanálise, transferência, histeria, neurose obsessiva; também as questões das crianças, mas sempre ligadas aos fundamentos. Sempre pensei a análise com crianças não como muito diferente da análise com adultos. Por mais que tenham algumas especificidades eu sempre tomei a criança como sujeito. E, nesse sentido, realmente tento falar "psicanálise com crianças" porque se trata de psicanálise antes de tudo. Acho as crianças meio parecidas com os artistas. Elas têm uma fala que, por estarem situadas um pouco à margem da convenção, têm uma escuta especial para o recalcado. Por isso, tenho muito interesse pelo que as crianças falam, até pelo que elas podem nos ensinar sobre aquilo que na cultura está inominado no momento. Tenho essa curiosidade sobre a percepção das crianças.

BOLETIM: Durante todo seu trabalho após a faculdade você sempre teve contato com psicanálise com criança?

LIA: E também com adultos. E continuei assim, mas nunca estudando psicanálise de uma maneira institucional. Eu não conseguia. Acho que tenho uma coisa até hoje que é uma vontade de liberdade que me impedia de ficar atrelada a certos enquadramentos institucionais. Apesar

disso, de não fazer formação em instituição, sempre estive de alguma maneira ligada às instituições. Assim que eu me formei, fui para o Hospital do Servidor Estadual fazer aprimoramento. Aliás, com uma pessoa que me ensinou muito - a Eva Wongtachowsky, do Departamento de Psicanálise Teoria e Clínica. Ela foi uma pessoa que me supervisionou e foi a primeira a quem eu levei um caso clínico fora da faculdade. Estava atendendo uma mãe e depois iria atender a criança. Quando esta mãe entrou na sala, estava toda esbaforida porque estava cansada, se queixando de que a vida estava difícil e eu perguntei para ela: "mas, o que está difícil?". E me lembro que, ao me ouvir contar o caso dessa maneira, a Eva falou: "nossa que bom!". Porque ela, na verdade, estava acostumada que os alunos seguissem um roteiro pré-estabelecido de: "O que seu filho tem? Que idade ele tem? Você veio por causa dele...". E eu fui perguntando o que foi surgindo nas associações. Sempre fui assim. Tanto que, se em determinados momentos eu sinto que uma mãe precisa falar qualquer coisa de sala de espera, eu a chamo para uma entrevista porque é muito importante essa coisa de criança e pais juntos. Se a gente descuida, a criança começa a melhorar e o pai e mãe não agüentam. São detalhes. Passei seis anos num Centro de Saúde onde atendi muita criança, muita gente. Foi uma escola para mim. Depois comecei a dar aula de orientação profissional e depois fui dar supervisão de atendimento com crianças numa faculdade. No meio disso, fiz minha dissertação de mestrado, que fui fazer

no Rio, no Departamento de Teoria Psicanalítica da UFRJ. Eu queria estudar psicanálise. Vi que tinha esse programa e que tinham disciplinas que me interessavam. Fui pro Rio de Janeiro, me apresentei, apresentei um projeto, fiz a prova e entrei. No percurso, o projeto mudou completamente, porque eu cheguei querendo estudar "A constituição da pulsão" e depois fui estudar o que mais ou menos foi a minha dissertação, sobre o lugar do Outro primordial na constituição do sujeito. Chamei o trabalho de "O olhar do engano". Nessa época eu já tinha começado a estudar autismo e a inscrição das primeiras marcas com Marie Cristine Laznik. A constituição das primeiras marcas foi sempre um interesse muito forte para mim. A gente estudou o Projeto, alguns textos do Freud da Interpretação dos sonhos, os textos da Metapsicologia sobre o Inconsciente, o Recalque, de 1915; e fomos por fim estudar um texto dela, que era um texto que acabei traduzindo e se chamava: "Defesas autísticas e o fracasso da função de representação". Através do autismo, fui estudando cada vez mais a constituição do sujeito e o lugar do Outro primordial. Esse olhar que subjetiva a criança. Na época estava atendendo um garotinho autista que tinha um ano e 10 meses, que tinha sido trazido da FEBEM num estado bem triste. Não falava, não chorava, não olhava; ficava abaixadinho, virado para parede o dia todo. Estava, na época, fazendo minha pesquisa e então foi super rico porque esse caso foi um presente enviado a mim carinhosamente por Isabel Marasina, supervisora da equipe de menores da FEBEM na época. E fui ouvir as pessoas que trabalhavam com ele. Este garotinho estava em um lugar de

condenação terrível: era aquele que tinha um problema neurológico, que não falava, não andava, não ria, que não iria comer comidas sólidas, etc. Pesava sobre ele uma sentença do "não". E além do abandono que sofreu assim que nasceu, ele tinha um problema no olho que impedia a fixação do olhar, um nistagmo. Por tudo isso, todo mundo que ia cuidar dele não encontrava, nas suas reações, o retorno de seu investimento. E com isso desinvestia. Fui então trabalhando com ele junto com as pessoas que o atendiam e, impressionante, como foi abrindo um lugar subjetivo nessa criança. Depois de um tempo, ele passou, do menino que era "a encarnação do não", o condenado à exclusão, à coqueluche da instituição, na expressão de uma atendente que o trazia às sessões. Ele foi despertando e todo mundo foi se encantando com ele. Ele começou a se desenvolver e foi uma coisa muito bonita. Bonita e trágica, porque depois houve o desmanche da FEBEM. De um dia pro outro, ele foi transferido para uma instituição religiosa do interior do estado de São Paulo. Não pôde vir sequer para se despedir, foi muito doloroso.

BOLETIM: Ele era da Unidade Sampaio Viana?

LIA: Era a ex-Sampaio Viana, a Unidade Belém. Prá mim foi uma coisa muito dura, mas o meu consolo é que ele já tinha saído da posição autística, e estava seduzindo muito os adultos que o cercavam. Procurei pensar que ele continuaria a fazer isso onde estivesse. Tentei contato depois, mas a instituição começou a bloquear. Queria enviar relatórios para eles, mas não tive mais acesso. Apesar disso, foi um

ensinamento enorme. Este menino começou a chupar o dedo aqui, foi uma coisa impressionante o trabalho que ele foi fazendo. Mas no final do processo, com o desmantelamento da FEBEM, a equipe toda estava furiosa com a situação e querendo logo encaminhar esta criança, achando que ela ia ser salva desse jeito. Eu achava que isso era uma ilusão, que a gente devia pensar melhor no encaminhamento. Mas eles estavam projetando naquela criança todo terror que estavam vivendo, como funcionários, de serem transferidos, de uma hora para outra, para a unidade de infratores. Este garotinho ficou depositário disso. E foi transferido sumariamente. A equipe começou infelizmente a me ver como alguém que estava só querendo deixar ele lá, não como alguém que estava querendo pensar com calma o que fazer. Lembro-me da última reunião em que fui ao Belém e, num dado momento, o vi andando pelo pátio com as mãos amarradas na roupa, pois ele estava se batendo de angústia. Foi muito triste, mas muito comovente, pois vi aquela criança que era praticamente cega além do nistagmo ele tinha um glaucoma severo me reconhecer pela voz e se encaminhar no meio de todas as outras que corriam até sentar no meu colo, no meio de uma roda cheia de profissionais. Fiquei muito comovida, pois tempos antes ele se encontrava imerso num completo autismo, alheio a tudo e a todos. Ele ficou um pouquinho ali comigo e depois saiu do meu colo por um momento e foi indo em direção a um espelho, onde passou a olhar a imagem dele. Eu falava: "gente, é impressionante o que um trabalho com uma criança pode fazer!". Foi um caso em que fiquei muito tocada, relatei isso na

PERFIL

LIA FERNANDES

dissertação. Abri a dissertação com ele, encerrei com ele, em alguns momentos o incluí pra falar sobre essa questão do Outro primordial na constituição do sujeito.

BOLETIM: Por que ir para o Rio de Janeiro para fazer mestrado?

LIA: Escolhi por causa do programa. Na época eu estudava com a Marie Cristine Laznik. A gente estudou o Projeto e era impossível ler este texto sem a ajuda dos comentários do Garcia-Roza Daí, fui lendo os livros dele e me inteirando sobre a existência de um departamento de teoria psicanalítica, que é este Departamento da UFRJ. Interessei-me porque queria estudar psicanálise, não queria nada de psicologia na época. Acho que hoje até estudaria porque têm coisas que me fazem falta. Mas na época eu queria estudar só psicanálise. Fui vendo as disciplinas e me encantando. Pensei: "é isso que eu quero fazer". Fui e consegui fazer. Foi um certo malabarismo porque eu fazia duas disciplinas aqui, as outras lá. Ficava no Rio dois dias no primeiro semestre, depois um dia e depois ia só às vezes para orientação. Fiz o mestrado em dois anos, prazo que me deram por conta da bolsa que recebi de que eu precisava porque tinha que viajar pro Rio e pra cá. Claro que a minha fantasia era uma, como sempre, e outra o que eu encontrei por lá. Achava que só ia estudar psicanálise. Porém, por ser "Teoria Psicanalítica", tem um acento grande na filosofia. Não era tudo que eu gostava. Eu não reconhecia o meu jeito de escutar no jeito que eles faziam teoria. Eles têm

um aporte da filosofia e a teoria, às vezes, me parecia descolada da clínica. Isso porque é um departamento de teoria mesmo. E para mim, teoria e clínica são muito imbricadas. Então eu falava: "gente, psicanálise pra mim não é isso". Mas a minha orientadora me deu carta-branca pra que eu fizesse o que queria. Ela me apoiou e fui decidindo o que ia fazer, foi ótimo. Foi uma experiência trabalhosa porque eu tinha que ir e voltar, por outro lado foi ótimo porque fiz o que eu quis. No meu livro - depois a dissertação saiu em livro - tem tudo o que eu quis pôr. O Departamento me respeitou muito. E foi de uma generosidade incrível. A minha orientadora - a Regina Herzog - me facilitou de uma maneira incrível... Depois na banca fui super acolhida pela Ana Beatriz Freire, uma psicanalista lacaniana muito rigorosa de lá e que terminou fazendo o prefácio do meu livro. Foi um encontro bem feliz este mestrado e eu dizia antes, sobre a história de ir ao Rio estudar, que ia fazer um desvio geográfico pra não fazer um desvio de desejo. Prá mim foi muito bom. Já tinha passado dez anos que eu estava formada, e eu tinha isso comigo: só ia fazer um mestrado quando tivesse uma questão de pesquisa. E neste momento eu formulei uma questão e delimitei um campo de investigação que me interessava. Já tinha trabalhado bastante e pude avançar com mais tranquilidade, apesar do curto tempo. Mas depois disso não voltei ainda pra fazer o doutorado em nenhuma universidade. Talvez faça em cinema, talvez não. Não sei se quero fazer o doutorado porque hoje quero uma coisa menos formal. Propus no departamento de Psicanálise de Criança do SEDES um projeto de

trabalhar filmes de crianças, que tenham crianças ou que sejam para crianças. A questão do Departamento para mim foi uma boa surpresa porque eu estava saindo da Faculdade de Guarulhos, onde eu fiquei dando supervisão de crianças durante muito tempo; e participei de uma mesa com a Adela, a Márcia e a Lila. Adela havia me convidado para uma função que adoro que é de comentar trabalhos do lugar de quem quer abrir o pensamento, estimular o debate - coisa de que sempre gostei. Fiquei super agradecida. A partir disso surgiu a idéia de ir pro Departamento. Então, eu fiquei muito feliz com a entrada. Foi uma entrada com a minha cara, livre para compor, pensar junto. Desde que eu entrei, tive a liberdade de propor o que tem a ver comigo. E foi justamente algo que tem a ver com essa articulação em psicanálise com criança e cinema. É curioso como na vida a gente vai andando, fazendo alguns descaminhos às vezes, mas com bons encontros que são inesperados. Eu tenho achado muito gostoso isso. Eu tenho uma paciente criança, que é essa que fez uma caixinha que está aqui e que vou atender agora. Teve um dia que ela chegou, tem 11 anos, ela não se permitia fazer nada sem que pedisse desculpas: "posso tirar o tênis?". Daí caía e ela falava "desculpas", "obrigada". Era toda contida. Foi indo e outro dia, ela chegou e trouxe um brinquedo que você põe no pé, vai girando e você tem que pular com o outro pé. Daí eu falei: "você vai ter que me ensinar, porque eu não sou boa nessas coisas, não sei". Ela foi com toda paciência, me ensinando, e eu fui aprendendo. Ela já tinha bolado um jeito prá gente trabalhar com o brinquedo naquele espaço pequeno. Ela falou que, se não

desse para trabalhar com o fio esticado, ela daria mais uma volta no fio. Então, ela começou a trabalhar e a ponta da corda, às vezes, batia com o objeto no divã, na mesa, e ela pedia desculpas. Eu falava: "desculpas por quê? Esse consultório é que é pequeno". Sei que uma hora ela falou assim: "aqui os porteiros são mal humorados, não são?" Daí eu falei: "mas, por quê? O que eles fizeram?". Ela disse: "porque eu pedi a chave...". Às vezes ela esquece a chave, os pacientes têm a chave da sala de espera. Ela pediu e ele disse que ela não podia ficar pedindo. Daí eu falei: "mas que absurdo! Pode pedir sim, você tem todo direito de esquecer!". Ela respondeu em seguida "é... eu só esqueci três vezes até hoje!". Eu disse: "pois é". "E você sabe que elas não cumprimentam as crianças?", ela continuou. Eu falei: "mas que absurdo!". "Eu vi que eles cumprimentam os outros, mas não cumprimentam as crianças", ela falou. "Você tem toda razão", eu disse. "Porque agora que você está conquistando o direito de existir, não quer mais que ninguém te ignore". Então, essa coisa pra mim é super importante, o lugar do sujeito. Essa menina tendo feito isso, prá mim foi um presente. Ela está num processo difícil, mas super criativo. Na faculdade, eu era conhecida como aquela supervisora que não tem caixa. E eu falava, sem entender: "mas como não tem caixa?". Porque tinham alguns que trabalhavam com caixas-padrão. Sabe aquelas caixas padrão, de tamanho "x", brinquedos tais, com uma lista? Eu nunca tinha visto aquilo. O que eu fazia era que a gente escutava os pais das crianças, e conforme o discurso e as queixas, a gente ia montando uma caixa que tivesse a ver com aquela

criança. E quanto ao número de sessões, para algumas eram duas vezes por semana, para outras era uma. Em certos casos a gente escutava a criança, a mãe, o pai, o avô, a avó; crianças que não sabiam da própria história.

BOLETIM: O procedimento não era encaixotado?

LIA: Absolutamente. Isso, na verdade, era o não ter caixa. Ensinou-me muito esse tempo que fiquei com os alunos, a gente criava. Às vezes eu acho mais difícil atender criança do que adulto. É só quando a gente sai que consegue ouvir porque está mais distanciada. Por outro lado, eu acho uma delícia você poder falar por metáforas. Poder falar pela brincadeira, saber que essa interpretação tem uma entrada muito mais fluida do que uma interpretação formal. E eu acho que as crianças me ensinam a falar simples. Porque se eu falar qualquer coisa complicada do tipo: "parece que você...", ela já vai falar: "o quê?". Então, as coisas têm que ser claras, para eu poder falar e ser entendida.

BOLETIM: O cinema também entra por aí, tem uma linguagem condensada e simples, não é?

LIA: É exatamente. Prá mim é muito semelhante. Essa coisa com o cinema me ensina a ouvir as crianças. É essa linguagem metafórica que eu adoro, e que é a linguagem do jogo, da brincadeira. Eu atendo um caso de um adulto autista, pós-autista na verdade, que também é metáfora em cima de metáfora. Quando eu achato a

metáfora, ele não responde. É impressionante. Por exemplo, ele me traz, às vezes, propagandas da região: pizzeria, água, frutas. Ele está num processo de discriminação eu/ outro. "Tem o "aqui", que é uma aquisição dele agora, e o "lá". Ele mora lá, e aqui é o consultório da Dra. Lia. Então tem essa pizzeria aqui. Eu perguntei onde era a pizzeria, e ele disse "aqui". Antes ele não falava aqui. Vai marcando o que é o território dele, o meu; que ele mora lá, eu tenho consultório aqui; tem o lugar dele e o meu lugar; a mãe está fora, ele está dentro; o poder dizer "não". Mas é claro, com a particularidade dele, várias vezes ele fica na mesma questão. Mas eu percebo que é dentro da metáfora que a coisa funciona, não é saindo dela.

BOLETIM: Quais suas expectativas a respeito do Departamento de Psicanálise da Criança? O que você está esperando encontrar, que projetos você quer trazer?

LIA: Para mim, por enquanto, minhas expectativas são, por exemplo, essa do cinema. Também tenho a expectativa do diálogo, de discutir casos com colegas, de pensar junto, poder escrever, conversar. Também me surgiu uma idéia, se não seria interessante, propor um filme para trabalhar com pacientes da clínica. Vou propor no segundo semestre para discutirmos entre nós, "A era do Gelo". Comecei a ter algumas idéias e penso em coisas na clínica também. Eu quero fazer projetos de atendimento, de escuta de casos e discussões. Na verdade, uma coisa de trabalhar num grupo, na clínica, pensando a teoria, escrevendo. É isso. Que é minha expectativa em todo grupo que eu entro. Em poder discutir, pensar,

trabalhar e ter uma interlocução. Isso pra mim são as coisas que eu acho mais ricas. No dia em que a gente teve o primeiro filme O Labirinto do fauno - foi muito legal. Vieram alguns alunos e professores, é aberto. Amigas queridas e grandes analistas estiveram comigo neste dia: Maria Laurinda Ribeiro de Souza, Rúbia Delorenzo com ambas tenho um diálogo muito fecundo sobre arte e psicanálise, sobre a literatura e o mistério, a contemporaneidade. Mas todos ali estivemos numa boa sintonia, a gente pôde discutir coisas, cada um falando de um lugar. E eu estou pensando agora que um desejo forte, para mim, é a constituição da capacidade de escuta na formação do analista. Ir desenvolvendo isso, por isso penso na arte, no cinema, em discutir os efeitos da cultura sobre a infância e sobre nós todos. Os discursos da propaganda sobre as crianças e sobre os adultos, sobre os pais, a questão do consumo. Como tudo isso afeta os pais, as crianças, nós. Enfim, tenho essas enormes ambições, desejos em relação ao Departamento. Mas essa questão da formação é uma questão que eu gosto muito. Justamente ali onde é mais difícil, que é na escuta. É isso que eu espero do Departamento. As reuniões, os contatos que eu tive foram muito abertos.

BOLETIM: É um Departamento que tem seus 10 anos, entrando no seu 11º ano, e tem em si algo que é a própria formação, de tentar se abrir e se formar constantemente. Foram surgindo cursos, projetos clínicos, projetos de comunicação a exemplo do próprio

BOLETIM... As coisas têm acontecido, é um Departamento muito rico.

LIA: Eu senti um vigor. Quando eu vi a produção desse último ano, fiquei assombrada, é uma coisa interessante. Tive uma discussão em que estavam pensando em chamar pessoas de uma linha, de outra linha. Esse tipo de abertura para as várias linhas teóricas, eu acho de uma saúde enorme. Foi tema de discussão. É uma diferença que eu acho que tem a ver com o Sedes, em geral. Acho uma coisa preciosa. Não é, por exemplo, uma posição do Fórum Lacaniano, que é a de ficar exclusivamente no Lacan. Eu acho muito legal você ter diversas linhas. Achei muito interessante ter o livro que vai sair agora, pensando a clínica com crianças sob diversas perspectivas. Porque eu acho que a gente abre a cabeça e não faz Igrejas. Ao mesmo tempo a gente destrona a mestria. Acho que isso é sempre salutar. Você desmanchar o lugar do saber instituído. Instituído por mestres.

BOLETIM: É um mundo tão plural. Se a gente puder trocar vai ficar mais rico.

LIA: Muito mais rico. Mas não é tão fácil. Isso exige que a gente possa não saber, ter perguntas, que o outro possa sempre nos acrescentar coisas. Exige uma humildade muito boa. É um exercício muito bom prá gente, como analista. Se você tem certeza, a clínica vai mal.

Lia Fernandes

Psicanalista, mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, membro do DPC, autora de O olhar do engano: autismo e Outro Primordial. São Paulo: Escuta, 2000. Lia faz parte do grupo inaugural de Membros Associados que entraram no Departamento em 2007, permitido pela implantação do novo Estatuto, que abre tal possibilidade para colegas que fizeram a formação em outras instituições.

FILME: MONIKA E O DESEJO
Ingmar Bergman, 1953
(Versátil Home Video, 2008)

Algumas vezes a morte de um gênio faz ressuscitar sua obra.

No ano passado o cinema perdeu um de seus grandes nomes, o diretor Ingmar Bergman. A mídia ao homenageá-lo elencou suas principais obras, dentre elas uma de suas obras-primas: MONIKA E O DESEJO. Na ocasião fiquei interessada em ver esse e outros filmes de Bergman, mas a maioria deles não podia ser encontrada nas locadoras, por terem se perdido no tempo, ficando restrita aos poucos que foram contemporâneos de seu lançamento.

Mas assim como eu, provavelmente outros tiveram o interesse despertado pelas sinopses feitas pela mídia, criando uma demanda que motivou o relançamento dessas obras em DVD. Foi assim que pude ver o belo filme em preto e branco do grande mestre, cuja personagem principal, a fogosa Monika, recusa-se a abandonar a vida adolescente pautada pela irreverência, descompromisso e irresponsabilidade que busca irrestritamente satisfazer o desejo e viver o prazer.

Pode a paixão adolescente sobreviver às vicissitudes da vida cotidiana e renunciar aos apelos pulsionais? Como bem desenvolveu Freud em O

Mal-Estar na Civilização, é preciso que se tolere o mal-estar inerente ao processo civilizatório. Talvez não seja possível conservar a paixão, mas converte-la em um sentimento mais maduro, que costuma ser chamado de amor.

Denise de Sousa Feliciano

FILME: IRINA PALM
Sam Garbarski, 2007

Com: Marianne Faithfull, Miki Makonojlovi e Kevin Bishop

O que fazer diante de dor, sofrimento e desespero? Julia-Irina nos conta que a vida é surpreendente, não precisa ser inventada mas tão somente descoberta - isto ocorre quando a vida pode ser vivida de acordo com o que ela apresenta, ou com o que se encontra pela frente e quando existe uma disposição básica para a busca daquilo que é necessário - e que a vida se dá neste encontro da busca a partir da necessidade, quando, de repente, se (re)encontra o desejo. Com seus passos seguros, sua postura ereta e seu olhar direto, expressando o objetivo claro e a persistência que a movem, Julia não se abala com uma falsa moralidade, amizades fáceis, pieguice e sentimentalismo, muito menos fica perseguida ou se sente vítima de algum destino cruel. É inabalável internamente diante daquilo que sabe que precisa ser feito. Nem a arrogância de seu filho Édipo em saber a todo custo, transgredindo as bordas daquilo que não deveria saber, a saber, a sexualidade materna, a tiram do seu eixo ... o tempo, não mais que o tempo, e uma noção clara do seu lugar realocam e recolocam os elementos cada qual em seu lugar. E Irina Palm contribui para tanto com sua ferrenha noção de si, como um eixo em torno do qual os elementos podem se

reorganizar. Um filme comovente que nos lembra que saúde mental existe, sim, e que ela se encontra visceralmente unida ao amor.

Elsa Vera Kunze Post Susemihl

LIVRO: BARTLEBY, O ESCRIVÃO
Herman Melville.
São Paulo: Cosac Naify, 2005

Desassossego! É o que Melville consegue produzir no leitor com seu conto de 1853 sobre o escrivão que não saía do lugar.

Contratado por um advogado na função de escriturário dos processos, Bartleby recusa-se a efetuar as tarefas propostas por seu chefe, e gradativamente vai ficando cada vez mais inerte, não só frente às demandas de sua função, mas diante da própria vida.

De início, Bartleby recusa-se a conferir os documentos por ele mesmo copiados, limitando-se a declarar *Acho melhor não*, o que leva o advogado a uma série de emoções e reações diante da idiossincrasia de seu funcionário. O escrivão, em sua atitude negativa, se mantém paralisado em seu lugar forçando seus colegas a exercerem tarefas que deveriam ser feitas por ele, provocando-lhes reações de irritação e indignação.

Poderíamos pensar em Bartleby como a personificação do que Freud desenvolveu como pulsão de morte? Talvez sim, se considerarmos que o advogado seria por sua vez a personificação da pulsão de vida, formando o entrelaçamento necessário entre as duas pulsões para

que haja o movimento. A história de Melville só acontece porque existe o contraponto do advogado para compor a cena. É a partir da negação do escrivão que a história cresce na medida em que vai provocando no chefe, e aos poucos em toda a cidade ao seu redor, os mais variados afetos e incômodos.

Após inúmeras tentativas de fazer o funcionário movimentar-se, o advogado decide demiti-lo e livrar-se enfim da inquietude que este lhe suscita, pela impotência de que toda a sua própria atividade se resume em tentativas inócuas contra a inércia do escrivão. Diante da demissão, Bartleby continua a não mover-se e declara *Acho melhor não deixá-lo...* Será que em sua inércia dependia da mobilidade de seu chefe para permanecer vivo?

Bem, foi por essa ótica que vi a pequena somente 37 páginas - porém grandiosa obra de Melville.

Mas vale a pena cada um descobrir o seu próprio Bartleby. E penso que nesse sentido, a edição primorosa e criativa da Cosacnaify dá um tom a mais quando apresenta um livro costurado e com páginas lacradas. Assim, Bartleby tem que ser desvendado literalmente pelo leitor. Uma agradável diversão dupla.

Denise de Sousa Feliciano

CONTO: O HOMEM DE AREIA
("Der Sandmann, 1817")
E. T. A. Hoffmann
In: *Contos Fantásticos do Séc XIX*, org Italo Calvino. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

A paixão de Freud pelas produções artísticas, fez com que deixasse perpassado em sua Obra algumas referências preciosas, com as quais articulou seu pensamento a título de ilustração, deixando-nos um testemunho de que vida e arte, arte e psicanálise, psicanálise e vida se imbricam, incontestavelmente.

O Homem de Areia serviu-lhe como um exemplo emblemático para se aproximar da idéia do "Estranho" (*Unheimlich*), desenvolvida em seu artigo de 1919.

O conto de Hoffmann é capaz de nos manter atentos a cada linha, numa perspicácia literária que mantém a história em suspenso do início ao final. Trata-se de uma narrativa fantástica que leva o leitor a acompanhar as construções mentais que de tão articuladas quase se descolam de sua qualidade alucinatória.

Quando o protagonista Natanael descreve a lógica quase incontestável de suas experiências visionárias de infância, que lhe teria sido traumático; enquanto sua noiva, partindo dos mesmos elementos, fundamenta as

raízes de um processo alucinatório e explicita-o na intenção de remir o noivo do sofrimento atroz que lhe persegue. Isso se relaciona à questão clínica sobre lógica x afeto. A interpretação enquanto raciocínio descolado do afeto pode soar como meras palavras ao vento.

Denise de Sousa Feliciano

- **Adela Stoppel de Gueller** participou da VII Jornada Corporeolinguagem, no Instituto de Estudos da Unicamp, com a apresentação em mesa-redonda sobre 'A criança, a infância e a psicanálise'. 17 a 19 de outubro, 2007.

- **Bernardo Tanis** participou do XI Encontro de Institutos de Formação da Federação Psicanalítica latino-americana como coordenador do grupo de reflexão sobre formação analítica, na SBPSP, em 6 de outubro, 2007.

- Lançamento do livro *Psicanálise com crianças na contemporaneidade: extensões da clínica*, org. **Adela Stoppel de Gueller & Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittimar**. Goiânia: Dimensão Editora, 2007. O livro é a edição das conferências proferidas em Goiânia, na ocasião no I Encontro de Psicanálise da Criança-GO e na Jornada de Psicanálise da Criança-SP e conta com artigos dos colegas: **Adela Stoppel de Gueller, Audrey Setton Lopes de Souza, Bernardo Tanis, Denise de Sousa Feliciano, Lia Fernandes, Marcia Porto Ferreira, Rahel Boraks**. 8 de dezembro, 2007

- O **Espaço Potencial-Winnicott (EPW)** do DPC, promoveu a **Jornada Espaço Potencial Winnicott: Diversidade e Interlocução**, que teve como objetivo integrar profissionais interessados em dialogar, pensar e transmitir conhecimentos sobre a obra

de Donald W. Winnicott, com membros dos diversos departamentos do Sedes e de outras instituições, em 10 de novembro, 2007.

Os membros do DPC, professores de curso de aperfeiçoamento ou participantes do EPW apresentaram os seguintes trabalhos: **Afrânio de Matos Ferreira**: "O Adolescente, o Analista e o Grupo"; **Ana Cristina Bueno**: "Uma Vida Viva sem Espelho ou um Espelho Partido? História de um Morador de Rua"; **Clara Brochztain**: "Faculdades Abertas à Maturidade: para que servem"; **Luciana B. Godoy**: "Uma Veste para os nossos Sonhos: o Lugar da Cultura no Pensamento de Winnicott"; **Irmgard B. M. Ferreira**: "Criando Castelos Sobre Orvalho, Brincam Poetas e Crianças"; **Luciana Almeida e Vera Rezende**: "Dialogando com Winnicott na Universidade"; **Mariângela M. Almeida, M. Cecília P. da Silva e Magaly M. Marconato**: "Agressividade ou Reclamação? Ruídos de Comunicação entre Pais e Bebês"; **Tales A.M. Ab'Saber**: "Marion Milner e Maksud Kahn: Duas Imagens Íntimas"; **Tereza Marques de Oliveira**: "Mulheres de Almadovar: Mulheres de Paraisópolis"; **Sandra Tschirner**: "O Espelho tem duas Faces"; **Silvia Lobo**: "As Mães que fazem Mal"; **Sueli Hisada**: "Psicossomática e Self".

- Lançamento do livro *Espaço Potencial Winnicott: diversidade e interlocução*, coord. por **Afrânio de**

Matos Ferreira, São Paulo: Landy Editora, 2007, em comemoração aos sete anos do Espaço Potencial Winnicott, com palestras proferidas durante estes anos no EPW e trabalhos apresentados por seus membros em congressos no Brasil e no exterior. Novembro, 2007

- **Bernardo Tanis** participou da "Mostra e Debate: Cine y Psicoanálisis" como coordenador da mesa redonda 'Cidades e deslocamentos', em 19 de novembro a 1. de dezembro, 2007.

- **Denise de Sousa Feliciano** apresentou o trabalho "Construções no Silêncio" no I Encontro Latino-americano de Psicanálise de Crianças e Adolescentes da SBPSP, em 23 e 24 de novembro, 2007.

- **Bernardo Tanis** participou como expositor e debatedor do I Encontro Anual da Comissão de Relações com a Comunidade da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre: Percepções e Perspectivas das Relações entre Psicanálise, Universidade e Comunidade, em 30 de novembro, 2007 **Bernardo Tanis** apresentação em Reunião Científica da SBPSP o trabalho "Sobre a especificidade do processo de luto na adolescência" tendo como comentadora Myrna Pia Favilli, em 6 de dezembro, 2007.

- Comemorando seus **30 anos**, o **Sedes** organizou um evento revelador ao convidar a Comunidade Sedes a mostrar seus hobbies e outras facetas que não vemos no dia-a-dia de nossa convivência. Foi uma experiência surpreendente encontrar nessa via paralela nossos colegas com a mão na massa e na tinta ou a voz na pauta. Tivemos oportunidade de conhecer as telas de **Ada Morgenstern** e **Élcio Mascarenhas**, as esculturas de **Adela Stoppel de Gueller** e **Denise de Sousa Feliciano** e nos deleitar com as melodias entoadas por **Maria Dias Soares**, em 8 de dezembro, 2008

- **Adela Stoppel de Gueller** participou de um debate sobre a "Transferência na análise de crianças com patologias graves" junto com Maria Laura Prates (Forum Lacaniano), no CEP, em 25 de abril, 2008.

- **Lia Pitliuk** participou da Jornada Interna do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae: "Psicanálise hoje: caminhos da formação e da transmissão". Apresentação na mesa redonda "O lugar da clínica" com o trabalho "A clínica na formação: a experiência de uma rede de atendimento psicanalítico", em 26 de abril, 2008

- **Bernardo Tanis** participou do I Simpósio Latino-americano de Psicanálise, Comunidade e Cultura como coordenador da Comissão Organizadora, SBPSP e FEPAL, e como coordenador e apresentador na mesa 'Cidade e subjetividade'. São Paulo, 10 e 11 de abril, 2008.

- **Mary Ono** esteve em São José dos Campos para o primeiro dos Encontros sobre a Clínica Psicanalítica com Crianças, em 26 de abril, 2008. Essa atividade, desenvolvida e coordenada em conjunto com **Maria José Porto Bugni**, junto à Labore Cursos, é constituída de encontros, que visam introduzir o campo da Psicanálise com Crianças, tanto do ponto de vista teórico quanto clínico e acontecerão entre abril e julho, 2008.

- **Adela Stoppel de Gueller** deu uma entrevista para a Revista Pais e Filhos sobre crianças que não tem pai, em abril, 2008.

- **Elsa Vera Kunze Post Susemihl** apresentou o trabalho "Em busca do esquecimento: entre splitting e recalque" para passagem para Membro Associado na SBPSP, abril de 2008.

- **Luciana Almeida** representou o Grupo Laço no VII Encontro Nacional sobre o Bebê, organizado pela PUC do Rio de Janeiro, apresentando o trabalho "Quero contar a história sobre

o nome do meu bebê", que foi elaborado pela equipe do Grupo Laço, de 1 a 4 de maio, 2008.

- **Magaly Miranda Marconato Callia, Mariângela Mendes de Almeida, Maria Cecília Pereira da Silva** participaram e apresentaram um trabalho no do VII Encontro Nacional sobre o Bebê - Nascimentos, Antes e Depois - Cuidados em Rede, na PUC do Rio de Janeiro, de 1 a 4 de maio, 2008.

- **O Grupo Acesso** - Estudos, Intervenção e Pesquisa sobre Adoção fez uma edição revisada da **Cartilha Adoção Passo a Passo** e também elaborou uma cartilha para profissionais de saúde sobre a mãe que pretende entregar o filho para adoção. Essas duas cartilhas são peças da Campanha "Mude um Destino", patrocinada pela AMB (Associação dos Magistrados do Brasil).

- **Márcia R. P. Ferreira e Maria Luiza de A. M. Ghirardi** estiveram em Brasília para o lançamento da segunda fase a Campanha "Mude um Destino", em 15 de maio, 2008.

- Em 11 de junho de 2008, 4.f das 19 as 22, os professores do curso de psicanálise da criança do DPC convidam para o lançamento do livro **Psicanálise com Crianças: Perspectivas Teórico-clínicas**, no Horta Café Bistrô, Rua Costa Carvalho 159, Pinheiros, telefone 3031-5997.

- Em 6 e 7 de junho de 2008 ocorrerá em **Goiânia o II Encontro de Psicanálise com Crianças**, evento a ser em parceria com a Clínica Dimensão. Os professores **Adela Stoppel de Gueller, Audrey Setton Lopes de Souza, Bernardo Tanis, Elsa Susemihl, Maria do Carmo Vidigal Dittmar Meyer e Maria Dias Soares** apresentarão trabalhos ligados aos temas "Transferência e interpretação na clínica psicanalítica com crianças" e as professoras **Adela Stoppel de Gueller e Elsa Susemihl** ministrarão dois mini-cursos, com 3 horas de duração.

- Em 29 de agosto de 2008 está sendo programado mais um **Encontro Clínico do DPC**, desta vez com um professor do curso de aperfeiçoamento do DPC 'Intervenção precoce na relação pais-bebê'.

- Em 12 e 13 de setembro de 2008 teremos no Sedes um **evento do DPC sobre "Transferência e interpretação na clínica psicanalítica com crianças"**, ainda está sendo elaborado o formato do evento.

- Em 10 e 11 de outubro de 2008 está sendo programado um **evento sobre intervenção precoce com bebês**, em parceria com o curso de aperfeiçoamento do DPC 'Intervenção precoce na relação pais-bebê'.

- Em 18 de outubro de 2008 teremos a nossa **Jornada Interna do DPC** com apresentação de trabalhos dos nossos membros.

- Em 17 e 18 de outubro de 2008 ocorrerá o **XVII Encontro Latino-Americano - Pensamento de D. W. Winnicott**, na SBPSP. O prazo para envio de trabalhos é 30 de junho, para fabiana@sbpsp.org.br. Informações: 55 11 2125-3700, www.sbpsp.org.br.

- Em 7 de novembro de 2008 ocorrerá o **2. Encontro de Cinema e Psicanálise da Criança**, com exibição do filme "A Era do Gelo" e posterior discussão, coordenado por Lia Fernandes e pelo setor de Eventos do DPC,

QUANDO UMA CRIANÇA NOS DEVOLVE A HONRA

LIA FERNANDES

“Porque há para todos nós um problema sério... Este problema é o do medo.”

Antônio Cândido. *Plataforma de uma geração*

No dia 11 de abril de 2008 inaugurou-se no Departamento de Psicanálise da Criança um espaço de interlocução cinema/psicanálise. Após a exibição do filme “O Labirinto do Fauno” realizou-se uma prazerosa discussão entre alunos, membros, professores deste departamento e de outros do Sedes. De uma boa mistura de idades, procedências e histórias foi se tecendo uma reflexão conjunta; em pouco menos de uma hora, todos estavam falando, às vezes uns junto com os outros, motivados por uma liberdade e vontade grandes de dividir impressões sobre a cultura, sobre o mundo de hoje, sobre o universo mágico da fantasia, a espetacularização do horror, sobre aquilo que move a busca contemporânea de radicalidade (nos esportes e nos estados clínicos “radicais”), sobre as ilusões de poder, as resistências possíveis ao mal, a sabedoria infantil, etc.

Como disparador, o belíssimo filme de Guillermo del Toro que, numa bem cuidada co-produção México, Estados Unidos e Espanha arrebatou, merecidamente, três Oscars no ano de 2006: o de melhor maquiagem, direção de arte e fotografia (Guillermo Navarro).

Trata-se de um conto de fadas para

adultos em que se mesclam a dureza do real de uma guerra sangrenta a guerra civil espanhola e um mundo fantástico de faunos, fadas e monstros que funcionam como busca de resposta à indagação de por que a guerra, o extermínio e a crueldade de nossos tempos.

O filme se passa na Espanha de 1944, onde sobrevivem os últimos resquícios de uma das mais cruéis guerras do século XX. Entre 1936-1939, republicanos e nacionalistas de extrema direita aliados do nazifascismo de Mussolini, Hitler e Salazar em Portugal se enfrentaram dividindo a Espanha numa guerra longa e sangrenta que matou cerca de 400.000 pessoas e dizimou metade do gado da Espanha. Uma destruição humana e natural que aparece no filme de Toro. Ali, duas forças de resistência se alinham: a dos últimos combatentes esparsos que lutam contra o domínio do General Franco usando táticas de guerrilha e a dos animais que habitam o universo mágico do filme (um fauno, um sapo gigante, árvores adoecidas e uma libélula que é o animal que guia a protagonista do filme para o mundo fantástico).

No centro da narrativa está Ofélia, uma menina de dez anos que se muda com

a mãe grávida para uma espécie de quartel-general de seu padasto, um capitão do exército espanhol. Durante todo o filme, às cenas cruas da guerra real se misturam outras não menos fortes do universo fantástico, revelando aos espectadores que é muitas vezes da opacidade do mundo que advém a necessidade humana da fantasia como via privilegiada de transformação. A importância do mito sem o qual a realidade humana fica entregue ao sem-sentido das mais avassaladoras ambições se afirma de forma contundente no filme de Toro.

Isto já se coloca nas primeiras cenas do filme, em que uma voz em *off* narra a história de uma princesa que se evadiu de um reino subterrâneo num determinado momento e ao qual espera-se que ela regresse em um tempo futuro. Coloca-se, de cara, uma dupla temporalidade e uma contradição: um tempo anterior, quicá primitivo e de um mundo subterrâneo do qual procedem os dias presentes instaurados pela fuga de uma criança que perdeu-se de suas origens. Imediatamente, alude-se à orfandade de nossos tempos e à ausência do pai tema maior do filme.

No caminho ao quartel-general do capitão Vidal, a mãe de Ofélia passa mal e o comboio de carros que a transportava pára na estrada. Ofélia, que estava lendo livros de fadas desde o início da viagem, sai do carro e começa a andar pela mata ao redor. É atraída por um toco de árvore que tem esculpida a imagem de um rosto com boca e um dos olhos faltando. Bela metáfora da cegueira do mundo que está para se apresentar.

Mas eis que Ofélia faz uma descoberta.

Um pouco adiante da estátua, no chão entre gravetos, a garota encontra o “olho perdido” da imagem e o restitui à figura mitológica, de cuja boca sai imediatamente uma grande libélula que começa a voar atraindo a menina em sua direção. Ofélia a segue até que a mãe a chama para prosseguir viagem.

Já se anuncia, nesta linda cena, o desígnio de Ofélia nesta trama: abrir os olhos de um mundo cego de violências, sombras e imobilidade. Em seguida a mãe lhe pede que chame o capitão Vidal de pai e desdenha a literatura de fadas com a qual a menina se mune para fazer face à realidade do horror que se anuncia. A resposta do filme de Toro é a mesma que a de muitos outros cineastas de nosso tempo: combater a raiz do mal restituindo em nós a capacidade do sonho, do encantamento e do desejo.

Na chegada ao sítio do capitão, este as recepciona fardado e cercado de militares. À Carmen, mãe de Ofélia, é de pronto trazida uma cadeira de rodas. Ela resiste à idéia mas o capitão a pressiona numa clara demonstração de que o que lhe interessava, antes de mais nada, era a saúde do filho que esta trazia no ventre.

Ofélia se assusta muitíssimo com a aproximação da figura feroz e dura do capitão e lhe oferece a mão em cumprimento. Vidal já repreende a reserva da menina que logo que sai da vista do capitão, larga seus livros no chão e sai correndo atrás da libélula que novamente aparece para transportá-la.

Neste caminho, Ofélia encontrará um estranho labirinto em cujo final

No dia 11 de abril de 2008 inaugurou-se no Departamento de Psicanálise da Criança um espaço de interlocução cinema/psicanálise. Após a exibição do filme "O Labirinto do Fauno" realizou-se uma prazerosa discussão entre alunos, membros, professores deste departamento e de outros do Sedes. De uma boa mistura de idades, procedências e histórias foi se tecendo uma reflexão conjunta; em pouco menos de uma hora, todos estavam falando, às vezes uns junto com os outros, motivados por uma liberdade e vontade grandes de dividir impressões sobre a cultura, sobre o mundo de hoje, sobre o universo mágico da fantasia, a espetacularização do horror, sobre aquilo que move a busca contemporânea de radicalidade (nos esportes e nos estados clínicos "radicais"), sobre as ilusões de poder, as resistências possíveis ao mal, a sabedoria infantil, etc.

Como disparador, o belíssimo filme de Guillermo del Toro que, numa bem cuidada co-produção México, Estados Unidos e Espanha arrebatou, merecidamente, três Oscars no ano de 2006: o de melhor maquiagem, direção de arte e fotografia (Guillermo Navarro).

Trata-se de um conto de fadas para adultos em que se mesclam a dureza do real de uma guerra sangrenta a guerra civil espanhola e um mundo fantástico de faunos, fadas e monstros que funcionam como busca de resposta à indagação de por que a guerra, o extermínio e a crueldade de nossos tempos.

O filme se passa na Espanha de 1944, onde sobrevivem os últimos resquícios de uma das mais cruéis guerras do século XX. Entre 1936-1939, republicanos e nacionalistas de extrema direita aliados do nazifascismo de Mussolini, Hitler e Salazar em Portugal se enfrentaram dividindo a Espanha numa guerra longa e sangrenta que matou cerca de 400.000 pessoas e dizimou metade do gado da Espanha. Uma destruição humana e natural que aparece no filme de Toro. Ali, duas forças de resistência se alinham: a dos últimos combatentes esparsos que lutam contra o domínio do General Franco usando táticas de guerrilha e a dos animais que habitam o universo mágico do filme (um fauno, um sapo gigante, árvores adoecidas e uma libélula que é o animal que guia a protagonista do filme para o mundo fantástico).

No centro da narrativa está Ofélia, uma menina de dez anos que se muda com a mãe grávida para uma espécie de quartel-general de seu padrasto, um capitão do exército espanhol. Durante todo o filme, às cenas cruas da guerra real se misturam outras não menos fortes do universo fantástico, revelando aos espectadores que é muitas vezes da opacidade do mundo que advém a necessidade humana da fantasia como via privilegiada de transformação. A importância do mito sem o qual a realidade humana fica entregue ao sem-sentido das mais avassaladoras ambições se afirma de forma contundente no filme de Toro.

Isto já se coloca nas primeiras cenas do filme, em que uma voz em *off* narra a história de uma princesa que se evadiu de um reino subterrâneo num

determinado momento e ao qual espera-se que ela regresse em um tempo futuro. Coloca-se, de cara, uma dupla temporalidade e uma contradição: um tempo anterior, quicá primitivo e de um mundo subterrâneo do qual procedem os dias presentes instaurados pela fuga de uma criança que perdeu-se de suas origens. Imediatamente, alude-se à orfandade de nossos tempos e à ausência do pai tema maior do filme.

No caminho ao quartel-general do capitão Vidal, a mãe de Ofélia passa mal e o comboio de carros que a transportava pára na estrada. Ofélia, que estava lendo livros de fadas desde o início da viagem, sai do carro e começa a andar pela mata ao redor. É atraída por um toco de árvore que tem esculpida a imagem de um rosto com boca e um dos olhos faltando. Bela metáfora da cegueira do mundo que está para se apresentar.

Mas eis que Ofélia faz uma descoberta. Um pouco adiante da estátua, no chão entre gravetos, a garota encontra o "olho perdido" da imagem e o restitui à figura mitológica, de cuja boca sai imediatamente uma grande libélula que começa a voar atraindo a menina em sua direção. Ofélia a segue até que a mãe a chama para prosseguir viagem.

Já se anuncia, nesta linda cena, o desígnio de Ofélia nesta trama: abrir os olhos de um mundo cego de violências, sombras e imobilidade. Em seguida a mãe lhe pede que chame o capitão Vidal de pai e desdenha a literatura de fadas com a qual a menina se mune para fazer face à realidade do horror que se anuncia. A resposta do filme de Toro é a mesma que a de muitos outros

cineastas de nosso tempo: combater a raiz do mal restituindo em nós a capacidade do sonho, do encantamento e do desejo.

Na chegada ao sítio do capitão, este as recepciona fardado e cercado de militares. À Carmen, mãe de Ofélia, é de pronto trazida uma cadeira de rodas. Ela resiste à idéia mas o capitão a pressiona numa clara demonstração de que o que lhe interessava, antes de mais nada, era a saúde do filho que esta trazia no ventre.

Ofélia se assusta muitíssimo com a aproximação da figura feroz e dura do capitão e lhe oferece a mão em cumprimento. Vidal já repreende a reserva da menina que logo que sai da vista do capitão, larga seus livros no chão e sai correndo atrás da libélula que novamente aparece para transportá-la.

Neste caminho, Ofélia encontrará um estranho labirinto em cujo final aparecerá a figura monstruosa do fauno, um ser fantástico meio homem, meio bode. Este fauno revelará à Ofélia que ela é uma princesa, cujo pai vive num reino subterrâneo e está à procura de sua filha.

Como para a Espanha daquele tempo ou para o mundo de hoje, uma questão de origem e de filiação está posta. Quem será o pai de Ofélia? O general franquista, autoritário e cruel ou um rei deposto e renegado a um mundo subterrâneo, esquecido? Nesta busca da origem de Ofélia e, metaforicamente, do mundo que escolhemos para pertencer, se descortinará o filme.

Para que Ofélia seja reconhecida como

Coordenadora Geral
Márcia Regina Porto Ferreira
@: mrpf@sti.com.br

Tesoureiro

@:

Secretária

Lia Lima Telles Rudge
@: rlrudge@uol.com

Comunicação & Publicações

Denise de Sousa Feliciano
@: denisefeliciano@uol.com.br

Alessandra Barbieri
@: aleclb@uol.com.br
Élcio Mascarenhas
@: eg.mascarenhas@uol.com.br
Elsa Vera Kunze P. Susemihl
@: esusemihl@gmail.com
Fernanda Colucci Fonoff
@: fmcolucci@terra.com.br

Extensão

Elsa V. Kunze P. Susemihl
@: esusemihl@gmail.com

Afrânio de Matos Ferreira
@: afraniodematos@uol.com.br
Audrey Setton L. de Souza
@: asetton@uol.com.br
Élcio Mascarenhas
@: eg.mascarenhas@uol.com.br

Eventos

Ada Morgenstern
@: ada.morgenstern@gmail.com

Dione Maria Pazzeto Ares
@: dionempa@uol.com.br
Fernanda Arantes
@: fe.arantes@uol.com.br
Julia Loureiro
@: loureiro.julia@gmail.com
Leonor de Carvalho Franco
@: vaz_franco@uol.com.br
Maria do Carmo V. M. Dittmar
@: lilavidigal@terra.com.br
Sonia Maria Chiurato Dias
@: vaz_franco@uol.com.br

Curso

Adela J. Stoppel De Gueller
@: adelastoppel@terra.com.br

Maria Dias Soares do Amaral
Maria José Porto Bugni
Mary Ono

Ada Morgenstern
@: ada.morgenstern@gmail.com
Adela Judith S. De Gueller
@: adelastoppel@terra.com.br
Audrey Setton L. de Souza
@: asetton@uol.com.br
Bernardo Tanis
@: tanis@uol.com.br
Elsa Vera Kunze P. Susemihl
@: esusemihl@gmail.com
Lia Pitliuk
@: lia8@uol.com.br
Magaly Miranda Marconato
@: magalymm@ig.com.br
Marcia Regina Porto Ferreira
@: mrpf@sti.com.br
Maria Dias Soares do Amaral
@: md.soares@terra.com.br
Maria do Carmo V. M. Dittmar
@: lilavidigal@terra.com.br
Maria José Porto Bugni
@: bugni@uol.com.br
Mary Ono
@: onomay@hotmail.com

Clínica & Pesquisa

Lia Rudge (em exercício)
@: rlrudge@uol.com.br

Lia Pitliuk
@: lia8@uol.com.br

Grupo Acesso
Grupo Laço
Espaço Potencial

Seja um MEMBRO!

Para ser membro efetivo, basta entrar em contato com a secretaria do SEDES, preencher a fische pertinências e pagar a anuidade.

Pré-requisito: Ser aluno ou ex-aluno do curso de Psicanálise da Criança

SENDO MEMBRO DO DEPARTAMENTO, VOCÊ PODERÁ:

- Integrar os Setores
- Participar como colaborador das atividades promovidas pelo Departamento (ex: apresentação de trabalhos em jornadas internas, publicação de artigos e ensaios no Boletim, etc.)
- Participar dos Fóruns internos do Departamento
- Participar das Assembléias e ter direito a voto
- Obter desconto nas atividades promovidas pelo Departamento e em Parcerias

Representantes em outras Instâncias:

NÚCLEO DE DEPARTAMENTO

Lia Lima Telles Rudge

NÚCLEO DE CURSO

Maria Dias Soares

GRUPO DE ARTICULAÇÃO (RJ)

Adela Stoppel Gueller

Ada Morgenstern

Mary Ono

O Boletim mantém o conteúdo original dos textos recebidos, com respeito ao estilo pessoal dos seus autores.